

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL –
PRODUÇÃO EDITORAL

José Marcos G. Marin Júnior

**O ESSENCIAL É INVISÍVEL AOS OLHOS: ENSAIO FOTOGRÁFICO
SOBRE O ESTILO DE VIDA MINIMALISTA**

PROJETO EXPERIMENTAL

Santa Maria, RS
2018

José Marcos G. Marin Júnior

O ESSENCIAL É INVISÍVEL AOS OLHOS: ENSAIO FOTOGRÁFICO SOBRE O ESTILO DE VIDA MINIMALISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Teorias Aplicadas à Comunicação II, do Curso de Comunicação Social – Produção Editorial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Comunicação Social – Produção Editorial**.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Stevens

Santa Maria, RS
2018
José Marcos G. Marin Júnior

O ESSENCIAL É INVISÍVEL AOS OLHOS: ENSAIO FOTOGRÁFICO SOBRE O ESTILO DE VIDA MINIMALISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Teorias Aplicadas à Comunicação II, do Curso de Comunicação Social – Produção Editorial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Comunicação Social – Produção Editorial**.

Aprovado em 06 de dezembro de 2018 pela banca abaixo designada.

Prof. Dr. Leandro Stevens (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Prof. Dr. Luciano Mattana (UFSM)

Me. Marcelo de Franceschi

Santa Maria, RS
2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Rosa Marisa dos Santos e José Marcos G. Marin, pelo apoio durante minha formação. Por acreditarem em meu potencial e sempre me incentivarem a seguir meus sonhos. Por terem sido o farol que me guiou até o cais, durante os momentos tempestuosos e turbulentos ao longo destes quatro anos.

Ao meu orientador, Prof. Leandro Stevens, pelas contribuições e paciência em relação aos meus anseios e confusões. Sua contribuição foi de extrema importância para realização deste trabalho.

A todos os professores, professoras, servidores e servidoras do curso que dedicaram seu tempo e paciência para ensinar-me todo conhecimento a respeito da Comunicação Social e da Produção Editorial.

À banca avaliadora deste trabalho, Prof. Luciano Mattana e Marcelo Franceschi, que gentilmente aceitaram participar e avaliar meu projeto experimental.

Aos meus amigos, Calison Pacheco e Gerson Severo, que aceitaram participar deste projeto e foram solícitos do início ao fim do trabalho. Por terem me ensinado a enxergar a vida a partir de uma nova perspectiva. Graças a eles o trabalho pôde ser concluído.

Ao meu amigo, Raphael Carvalho, pelo apoio, carinho e paciência. Por ter me proporcionado momentos de grande alegria durante minha formação, colaborando para que eu superasse os desafios.

Por fim, agradeço a minha tia Vera Regina dos Santos, pelo apoio oferecido à minha família quando passamos por momentos difíceis e pela contribuição que deu para que eu ingressasse na faculdade.

*“Oh, it's a mystery to me
We have a greed with which we have agreed
And you think you have to want more than you need
Until you have it all you won't be free*

*Society, you're a crazy breed
Hope you're not lonely without me...*

*When you want more than you have
You think you need...
And when you think more than you want
Your thoughts begin to bleed
I think I need to find a bigger place
Because when you have more than you think
You need more space”*

Society – Eddie Vedder

RESUMO

O ESSENCIAL É INVISÍVEL AOS OLHOS: ENSAIO FOTOGRÁFICO SOBRE O ESTILO DE VIDA MINIMALISTA

AUTOR: José Marcos G. Marin Júnior
ORIENTADOR: Prof. Dr. Leandro Stevens

O presente trabalho faz parte de um projeto experimental que busca compreender o estilo de vida minimalista, criando, a partir de uma narrativa documental, um ensaio fotográfico de duas pessoas que adotaram o minimalismo em suas vidas. Para elaboração do ensaio fotográfico, foi feita uma pesquisa que aborda a sociedade de consumo e o hiperconsumo, enfatizando a forma emocional com a qual os indivíduos contemporâneos consomem, utilizando principalmente autores como: Bauman (2007) e Lipovetsky (2007), que compreendem a sociedade contemporânea como uma sociedade hedonista. Posteriormente aborda-se o minimalismo como um estilo de vida dentro da sociedade de consumo, baseando-se nos conceitos de cultura, contracultura e estilos de vida. Para abordar a fotografia, o fotojornalismo e o ensaio fotográfico, foram utilizados principalmente os autores: Carroll (2013), Freeman (2011) e Souza (2008). O trabalho tem como propósito expor através das fotografias o estilo de vida minimalista e como cada um dos participantes o compreende. A escolha de realizar um projeto fotográfico através de uma linguagem documental se dá não apenas pelo interesse pessoal do autor, mas também por a fotografia não ser utilizada para realizar trabalhos documentais nos trabalhos de conclusão do curso de Produção Editorial, visto que a maior parte dos trabalhos são utilizados o produto audiovisual. Ao final obteve-se um ensaio fotográfico composto por 55 imagens expostas no formato de um fotolivro digital.

Palavras-chave: Minimalismo; Ensaio fotográfico; Fotolivro; Estilo de vida; Fotodocumentário.

ABSTRACT

THE ESSENTIAL IS INVISIBLE TO THE EYES: PHOTO ESSAY ABOUT THE MINIMALIST LIFESTYLE

AUTHOR: José Marcos G. Marin Júnior

ADVISOR: Prof. Dr. Leandro Stevens

The present work is part of an experimental project that seeks to understand the minimalist lifestyle, creating a documentary narrative, a photomicrography of two people who adopt minimalism in their lives. In order to design a Portuguese class, a research was done on how to build a high consumption community, emphasizing the way contemporary individuals consume, using authors such as: Bauman (2007) and Lipovetsky (2007), who comprise a contemporary society as a hedonistic society. He then approaches minimalism as a lifestyle within the consumer society, relying on the concepts of culture, counterculture and lifestyles. For the photography, the photojournalism and the photographic session, the authors were mainly found: Carroll (2013), Freeman (2011) and Souza (2008). The purpose of the work is to expose the minimalist lifestyle and how each participant understands it. The choice to carry out a photographic project through a documentary language is also an interest for the author, but also for a photograph not to be used to carry out documentary work in the works of conclusion of the editorial course. the audiovisual product is used. At the end, a graphic search was made up of 55 images exposed in the format of a digital photobook.

Keywords: Minimalism; Photographic essay; Photobook; Lifestyle; Photodocumentary.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estudo de comportamento de Adimplentes e Inadimplentes.....	19
Figura 2 – Arte de Sol LeWitt.....	26
Figura 3 – Country Doctor (1948).....	37
Figura 4 – Brian Brake (garota indiana nas primeiras chuvas de monção) (1961).....	39
Figura 5 – Piloto (Nikon D90).....	43
Figura 6 – Calison, longa exposição.....	45
Figura 7 – Calison e smartphone (Nikon D90).....	46
Figura 8 – Raspar a cabeça (Nikon D90 + 18-135 mm).....	47
Figura 9 – Sorriso (Iphone 6s).....	48
Figura 10 – Somente o necessário.....	49
Figura 11 – Escolhas (Iphone 6s).....	50
Figura 12 – Redução (Nikon D90).....	51
Figura 13 – Esvaziando o ambiente, equilibrando a mente (Nikon D90).....	52
Figura 14 – Almoço.....	52
Figura 15 – Mockup do fotolivro.....	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 HIPERCONSUMO: O CONSUMO DE MANEIRA EMOCIONAL E SUBJETIVA.....	12
1.1 SOCIEDADE DE CONSUMO: O SURGIMENTO DO HIPERCONSUMO.....	13
1.2 “EU PRECISO DISTO? ”: O CONSUMO SUBJETIVO DENTRO DO HIPERCONSUMO	16
2 MINIMALISMO: UM ESTILO DE VIDA	21
2.1 ESTILO DE VIDA.....	21
2.2 A CONTRACULTURA E MOVIMENTOS ANTICONSUMO.....	22
2.3 MINIMALISMO: AS COISAS IMPORTANTES DA VIDA.....	25
3 FODOCUMENTARISMO.....	31
3.1 FOTOGRAFIA DOCUMENTAL.....	32
3.2 ENSAIO FOTOGRÁFICO: FOTOGRAFIA DOCUMENTAL COM UMA PERSPECTIVA	36
4 METODOLOGIA	40
4.1 ABORDAGEM	40
4.2 ESCOLHA DOS PERSONAGENS.....	41
4.2.1. Breve apresentação dos personagens.	42
4.3 PILOTO.....	43
4.4 ESCOLHAS TÉCNICAS.....	43
4.3.1 Câmera e objetivas	44
4.3.2 Iluminação.....	44
4.4 DIÁRIO DE CAMPO	45
4.5 TRATAMENTO DE IMAGEM	53
4.6 APRESENTAÇÃO DAS IMAGENS	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	60

INTRODUÇÃO

Em meados de 2012, tive o primeiro contato com a fotografia. Era uma revista com inúmeras fotos de um conflito no Oriente Médio. Foi a primeira vez que olhei uma imagem e senti uma vontade enorme de descobrir tudo sobre o assunto. Achei fascinante a maneira é possível documentar uma história através de imagens. Depois disso, comecei a pesquisar e estudar sobre os conceitos básicos da fotografia até poder realizar minhas primeiras práticas.

Durante toda minha graduação, utilizei a fotografia como recurso para meus trabalhos, mas somente durante minha atuação na TV CAMPUS, televisão pública da Universidade Federal de Santa Maria, pude, finalmente, conhecer e trabalhar com projetos documentais na área do audiovisual, sempre utilizando os conhecimentos fotográficos nas produções.

Quando eu pensava sobre meu Trabalho de Conclusão de Curso nos primeiros semestres, a única certeza que eu tinha era de que eu gostaria de produzir algo que fosse útil não só para a academia, mas também para indivíduos que não têm acesso a trabalhos científicos produzidos dentro de um espaço acadêmico. Nesse sentido, a escolha de realizar um projeto utilizando a fotografia também se tornou propício, pois seria o primeiro como um Trabalho de Conclusão do curso de Produção Editorial divergindo da grande produção de trabalhos audiovisuais com narrativa documental.

A ideia foi trabalhar com uma nova maneira de documentar uma história além de utilizar o audiovisual, e por fim instigar os alunos de Produção Editorial a utilizarem a fotografia em seus trabalhos de conclusão de curso. Os públicos alvos deste trabalho são acadêmicos e membros da comunidade em geral que tenham interesse na fotografia e na narrativa documental.

Em meio da busca à minha temática para realizar o projeto fotográfico, deparei-me com o documentário “Minimalismo: Um documentário sobre coisas importantes”. Nele, dois amigos contam como o hiperconsumo e valorização material esgotaram suas vidas até o ponto em que eles decidiram mudar seu estilo de viver. O documentário despertou-me um interesse enorme em procurar saber mais sobre esta filosofia minimalista, que já é utilizada há muito tempo como movimento que vai contra o hiperconsumo e que bate muito nas teclas de sustentabilidade e uma maior valorização nas relações interpessoais.

O hiperconsumo causa impacto tanto na vida das pessoas como ao meio ambiente, e como o ato de mudar hábitos consumistas, muitas vezes, impulsivos, podem colaborar a uma melhora na qualidade de vida. São inúmeros os motivos que podem levar uma pessoa a

começar a controlar o consumo das coisas como um princípio norteador para viver. Existe uma dificuldade também em definir o que seria uma “vida simples” (conceito muito utilizado dentro do minimalismo), pois cada pessoa compreende a simplicidade em seu cotidiano de forma diferente, e optar por uma redução no consumo depende da lógica e práticas adotadas por essas pessoas ou grupos.

Assim, o ensaio fotográfico **busca compreender e retratar** como a filosofia minimalista manifesta-se no dia a dia dos indivíduos que a empregaram em suas vidas. O propósito não é generalizar o assunto, mas **problematizar os aspectos que estão por trás desta escolha** e, a partir da produção fotográfica, **instigar o espectador a uma reflexão sobre o assunto** e seus próprios hábitos.

Grande parte das pessoas que escrevem ou relatam sobre o minimalismo discutem sobre como o ato de consumir e possuir algo é carregado de valores, de uma simbologia e uma construção identitária dentro da sociedade. Assim, optei por seguir uma perspectiva parcial, apresentando os aspectos negativos do hiperconsumo que levam os indivíduos a adotarem o minimalismo como estilo de vida.

O primeiro capítulo aborda inicialmente o conceito de consumo pelos autores Zygmunt Bauman (2007), Gilles Lipovetsky (2007), Colin Campbell (2001) e Lívia Barbosa (2009). Posteriormente, é feito um breve panorama sobre o surgimento da sociedade de consumo e do hiperconsumo. Neste capítulo, procura-se enfatizar a forma emocional e subjetiva na qual o indivíduo contemporâneo pratica no momento de consumir. Já no segundo capítulo, é apresentado o minimalismo, evidenciam-se, então, os conceitos que servem para introduzir o estilo de vida minimalista, como: cultura, contracultura e estilo de vida.

No terceiro capítulo deste relatório, buscou-se compreender o fotodocumentarismo a partir dos conceitos de autores como: Michael Freeman (2011), Tom Ang (2010) e Jorge Pedro Souza (2008). Esta sessão abrange o ensaio fotográfico como gênero explorado neste trabalho. O capítulo discorre sobre uma perspectiva histórica do fotodocumentarismo, as diferenças entre o fotojornalismo e a definição do ensaio fotográfico. Nesse contexto, o ensaio fotográfico foi escolhido, pois possibilita ao fotógrafo produzir imagens a partir de uma perspectiva pessoal, não importando em se manter imparcial em relação ao assunto.

O quarto capítulo aborda a metodologia utilizada no projeto e a forma de apresentação do produto final. Neste capítulo final também é esclarecido as escolhas técnicas, o processo de captura em forma de diário de campo e o tratamento utilizado nas fotografias, ilustrando com algumas imagens do projeto fotográfico.

Na revisão de literaturas, foram utilizados autores que compreendem a sociedade atual como uma sociedade hedonista, principalmente segundo as concepções de Zygmunt Bauman (2007), Gilles Lipovetsky (2007), Colin Campbell (2001) e Livia Barbosa (2009). Também foram utilizadas pesquisas realizadas por alguns institutos, juntamente com artigos de diferentes teóricos que abordam o assunto. No que tange a fotografia, os principais autores utilizados foram: Michael Freeman (2011), Tom Ang (2010) e Jorge Pedro Souza (2008).

1 HIPERCONSUMO: O CONSUMO DE MANEIRA EMOCIONAL E SUBJETIVA

O ato de consumir é uma atividade de sobrevivência presente em todas as sociedades humanas. Durante a Revolução Industrial, surgiu a produção massiva de produtos, nascendo, assim, a sociedade de consumo, pilar do funcionamento do sistema capitalista. Como o avanço tecnológico possibilitou a produção excessiva de mercadorias, surgiram estratégias de marketing para que incentivassem a população a consumir, a fim de acelerar o processo de compra com o famoso jargão implícito em todas as propagandas: “Você precisa disto! ”.

O **consumo** não pode ser compreendido, na atualidade, apenas como um mecanismo para satisfazer necessidades físicas e biológicas, mas sim, como uma “prática cultural” muito mais complexa, como afirma McCracken (2003). Consumir constitui o cotidiano dos indivíduos, uma vez que se consome com o objetivo de suprir uma necessidade fisiológica ou emocional, como esclarece Bauman (2007). Para definir consumo também vale ressaltar o abordado por Babosa e Campbell (2006), onde o mesmo é conceituado como um “processo social”, que além de fornecer serviços e bens fisiologicamente necessários, é um “produtor de sentido e identidade”, visto que suas preferências diferem de outros indivíduos e auxiliam na sua individualidade.

Consumimos para satisfazer necessidades físicas e emocionais, pela busca do prazer, a defesa ou a afirmação de um status, etc. “Consumir, em parte, nos torna humanos” (BARBOSA, 2014, p.39). Logo, o consumo não deve ser entendido apenas como o uso das utilidades materiais dos bens, e sim, primordialmente, como um consumo ativo de signos. Esta composição de símbolos criados pelos consumidores surge a partir de narrativas e discursos que são expostos diariamente no meio.

Buscando compreender a sociedade de consumo, em uma perspectiva dentro de estudos culturais para posteriormente discutir o minimalismo, a presente pesquisa utiliza como embasamento teórico definições que apontam a sociedade de consumo como uma sociedade simbólica. A construção e o fortalecimento de “identidades individuais”, sociais e culturais estão estreitamente ligados ao modo que consumimos (MCCRACKEN, 2003).

1.1 SOCIEDADE DE CONSUMO: O SURGIMENTO DO HIPERCONSUMO

A humanidade, durante todo seu processo evolutivo, adquiriu um enorme grau de dependência e ultrapassou as dificuldades em conseguir suprir suas necessidades vitais. A partir de técnicas, práticas e instrumentos o ser humano desenvolveu a agricultura e a pecuária, possibilitando fornecer alimento para uma sociedade inteira, e até mesmo estocar para períodos desfavoráveis, como, por exemplo, o inverno. Desde então, o ser humano já possuía capacidade de produzir de forma excessiva, embora, tivesse finalidade vital.

O processo de produção excessiva ganha força no século XIX, quando surge a classe de assalariados. Os trabalhadores da época foram submetidos a uma nova proposta: receber um valor fixo mensal pelas horas trabalhadas. Antes disso, a classe trabalhadora, geralmente rural, não possuía estimativa do valor bruto que iria arrecadar ao final do mês relativo a suas produções. Após a oferta de um salário, o consumo dentro desta classe teve um crescimento enorme devido à segurança financeira adquirida. Os trabalhadores, então, acabaram virando consumidores ativos dentro da sociedade.

O termo **sociedade de consumo**, utilizado por Barbosa e Campbell (2006), “Sociedade de consumidores” por Bauman (2007) e “Sociedade de hiperconsumo” por Lipovetsky (2007), nasceu nos anos de 1920, o qual se refere a uma sociedade resultante do sistema capitalista e das mudanças comportamentais e culturais do corpo social da época. Na sociedade de consumo, a oferta de produtos é muito maior que a procura. Lipovetsky (2007) afirma que a população começou a consumir de uma forma carregada de novos significados individuais. Já para Bauman (2007), a maior característica da sociedade de consumo é a transformação dos consumidores em mercadorias, ou seja, o consumidor procura destacar-se dentro da sociedade, consumindo produtos a partir de significados sociais e conseqüentemente transformando-se em um “produto”, para atrair a atenção de outros “consumidores”. “Numa sociedade de consumidores, tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas” (BAUMAN, 2007, p. 22).

Para Barbosa e Campbell (2006), o surgimento da sociedade de consumo antecede a Revolução Industrial, pois mesmo antes da produção em escala, já existiam vestígios de um consumo exacerbado. Entretanto, a Revolução Industrial, que ocorreu na Europa no século XVIII, tornou-se um gatilho que não trouxe apenas a ideia de melhoramento das máquinas em relação à produção, mas também trouxe um conjunto de elementos que afetou a maneira como a sociedade da época consumia.

Já que o avanço tecnológico proporcionou a produção em grande escala, era necessário comercializar da mesma forma, e para isso era necessário que toda produção fosse distribuída de forma eficiente e contínua. O transporte ferroviário foi o que recebeu o maior investimento em sua infraestrutura para atender a demanda produtiva. Por fim, era preciso que a venda dos produtos também ocorresse em massa, completando um mecanismo onde se produzia, transportava e vendia em uma proporção muito maior que o sistema anterior.

Estas mudanças moldaram a sociedade até chegar à sociedade que conhecemos hoje. McCracken (2003) destaca que, além do avanço tecnológico e do surgimento de fábricas, um fator importante para esta revolução foi o surgimento de padrões de moda no século XVIII, além de técnicas de marketing, utilização de manequins, imposição de um padrão de beleza e a ideia de que o consumo poderia contribuir para o crescimento público.

Foi nesta época que, o consumo não era mais visto apenas como doméstico, mas que abrangia outras áreas, como, por exemplo, o setor vestuário. A moda foi fundamental para que os objetos fossem substituídos, demonstrando a obsolescência que as roupas haviam adquirido. A partir daí o consumidor já não comprava apenas por necessidade, mas também pelo valor simbólico que ele possuía.

O consumidor tinha de dedicar mais tempo a atividade de compra; o mais importante, contudo era que precisava dispor de mais para o aprendizado do consumo. Agora o consumidor tinha necessidade de todo um conjunto de informações adicionais para distinguir o bem que estava na moda do que não estava, e para saber qual mensagem ele/ela estaria enviando com sua compra (McCRACKEN, 2003, p. 40).

McCracken destaca, ainda, que foi neste momento que o Ocidente presenciava o surgimento da sociedade de consumo, onde muitos observadores da época pensavam que havia se instaurado uma doença epidêmica na sociedade, mas era apenas o consumo instituindo-se como uma prática cultural e não apenas como uma prática de sobrevivência.

Para compreender a sociedade de consumo na atualidade, é imprescindível buscar os meios que motivam o ato de consumir atualmente. Lipovetsky (2007) divide a evolução da sociedade de consumo em três momentos importantes: o nascimento dos mercados de massa (surgimento da sociedade de consumo), a “sociedade da abundância” e a sociedade do “consumo experiencial”. A sociedade da abundância surgiu um tempo após o fim da Segunda Guerra Mundial e caracterizava-se pela popularização do consumo correspondente ao poder de compra dos assalariados. Foi quando o marketing teve um forte crescimento para estimular o aumento da venda de produtos, afirma o autor.

A terceira fase surge com um consumo em busca de prazeres e felicidade e não mais apenas por distinções sociais. Agora, o ato de consumir seria para satisfação de emoções, sensações, distrações, etc. “Revelo, ao menos parcialmente, quem eu sou, como indivíduo singular, pelo que compro, pelos objetos que povoam meu universo pessoal e familiar, pelos signos que combino ‘à minha maneira’” (LIPOVETSKY, 2007, p. 28). A sociedade de hiperconsumo nasce a partir de todas estas necessidades individuais, transformando o consumo e a maneira como eram produzidas as mercadorias. Sendo assim, a moda não era o único segmento que se tornaria obsoleto, mas todos os outros segmentos do mercado.

O termo **hiperconsumo**, utilizado por Lipovetsky, refere-se à consequência destas mudanças do padrão de consumo, ou seja, a maneira subjetiva e emocional que os consumidores adotaram como fatores de compra. Sendo assim, o hiperconsumo manifesta-se como um consumo individualizado, baseado em uma busca incessante pelo bem-estar, acarretando no consumo exacerbado e desenfreado.

Lipovetsky (2007) aponta os dois tipos de hiperconsumidores: o hiperconsumidor que é livre, que consome muitos produtos, mas consegue realizar-se emocionalmente. Um exemplo seriam as pessoas que gostam de colecionar objetos. Por outro lado, existe o hiperconsumidor que nunca consegue suprir suas necessidades emocionais, precisando entrar em um ciclo onde é necessário comprar cada vez mais, necessitando uma quantia de recursos para custear este hábito, e posteriormente, podendo causar a inadimplência do indivíduo.

A “modernidade líquida” é apresentada por Bauman (2001) como um conceito crítico à sociedade atual onde tudo é fluido, frágil e efêmero, inclusive o ato de consumir. É possível relacionar as obras de Lipovetsky e Bauman. Embora Bauman trate a sociedade de modo geral e não exclusivamente o consumo, os autores trazem uma sociedade em que os sujeitos consomem bens e informações não somente por uma necessidade real, mas por satisfações e pelas necessidades e desejos de pertencerem a um determinado grupo social.

Dentro do raciocínio de consumo findável, Bauman (2007) destaca um fator importante para a sociedade ter se transformado na que conhecemos hoje: a conversão da “sociedade consumista sólida” para a “sociedade consumista moderna”. Anteriormente, os bens eram desejados por serem duráveis, indestrutíveis, que difundiam a ideia de permanência, totalmente controverso à ideologia atual do consumo líquido e descartável.

A sociedade sólida moderna, como era chamada, transformou-se na atual sociedade consumista, o grande influenciador desta mudança foi o pensamento sobre a incessante busca da felicidade através dos objetos, ocasionando uma crescente intensidade de desejos sobre eles. Desejos estes que mudam, seja por não estar mais na moda, por não ser o veículo do ano,

ou por não possuir as melhores configurações disponíveis no mercado. Assim como surgem necessidades, surgem produtos.

Vale destacar que o termo **consumismo** é utilizado por Bauman (2007) como algo nocivo ao ser humano e a sociedade, ou seja, trata-se de consumir demasiadamente sem necessidade, existindo apenas para atender de forma superficial e temporária nossos anseios e desejos rotineiros. Durante a pesquisa adotou-se o termo hiperconsumo, o qual Lipovetsky (2007) utiliza em sua obra, para referir-se ao consumo exacerbado. Compreende-se o termo consumismo ao simples ato de consumir, como uma prática humana, tal como Barbosa e Colin (2006) apresentam.

1.2 “EU PRECISO DISTO? ”: O CONSUMO SUBJETIVO DENTRO DO HIPERCONSUMO

Uma das grandes consequências de toda evolução da sociedade de consumo é que o consumidor acabou transformando-se em mercadoria. O consumo, como abordado anteriormente, transformou-se no principal meio em que as ações e experiências são satisfeitas dentro do campo social. Ele indica como o sujeito pode ser visto dentro do mercado social. E, por exemplo, a maneira como se veste, o restaurante que frequenta, o gênero do filme que gosta de assistir, etc. Trata-se de uma construção de identidade para pertencer a um mercado social que incluem relações pessoais, estudo, emprego, carreira, etc.

A população passou a conviver sob os signos e imagens relacionados ao consumo: “Beba Coca-Cola”, “Os dentistas recomendam Oral-B”, “É só amanhã nas Casas Bahia”, use, vista, compre, assista, escute. Os indivíduos passaram a consumir não somente produtos, mas também as marcas, transformando os bens de consumo em objetos de valor dentro da vida social. Todo este processo teve início com a fase de consumo experiencial, a qual Lipovetsky (2007) refere-se. Os produtos começaram a ser consumidos de forma emocional e totalmente individuais, ou seja, as inúmeras possibilidades de escolha que o mercado gerava para o consumidor acabava influenciando em sua construção identitária e, conseqüentemente, gerando novas **identidades**.

Hall (2006) destaca que o conceito de **identidade** é bastante complexo. Dentro do campo sociológico, a identidade do sujeito é dependente de todos os processos culturais do meio em que o indivíduo habita, ou seja, toda a relação do indivíduo com a sociedade acaba por influenciar em sua identidade. Porém, esta teoria apresentava a identidade do sujeito como

algo fixo e dificilmente mutável. Em uma teoria de um indivíduo moderno¹, o autor afirma que as identidades não são mais fixas como anteriormente, isto é, o indivíduo passou a se transformar continuamente quanto às representações a que é exposto diariamente e todo o processo de ampliação econômica, social, cultural e política, ocasionados pela globalização.

É necessário compreender a identidade como um processo em andamento, aponta Hall (2006), onde ela surge não apenas como a individualidade que já está dentro do sujeito, seu “eu interior”, mas em uma falta de plenitude que é complementada a partir do seu exterior, pela forma que pensam e são vistos pelos outros. Para o autor, uma identidade plenamente unificada, que não sofre nenhuma alteração do meio externo, é apenas uma fantasia.

A **construção da identidade**, portanto, está estreitamente ligada a conceitos e tendências sociais, ou melhor, totalmente dependente das transformações dos processos comunicacionais que ocorrem na sociedade e em processos que estão diretamente ligados a questões morais e éticas, onde é possível incluir o ato de consumir, visto que o consumo é compreendido como uma prática cultural, de acordo com Barbosa e Campbell (2006).

Nas sociedades tradicionais, na época em que as tradições estavam convencionadas a valores convencionais relacionados à religião, família, etnia, gênero, etc., a identidade estava relacionada a posições ou status pertinentes a estes determinados grupos, e era limitada somente a isso. A sociedade contemporânea, por sua vez, assume uma pluralidade de escolhas, recursos simbólicos e interações sociais que começam a integrar todo o processo de construção de suas individualidades (BARBOSA e CAMPBELL, 2006).

Os indivíduos, ao fazerem uso da grande e constante oferta de novos produtos na sociedade de consumo moderna, estão regularmente “recriando a si mesmos” (BARBOSA e CAMPBELL, 2006). Neste sentido, a identidade do indivíduo é construída por uma necessidade de adaptação ao meio e ao tempo em que ele está inserido. “A construção de identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável. Os experimentos jamais terminam” (BAUMAN, 2005, p.91). Devido às inúmeras possibilidades oferecidas pelo mercado, o que começou a surgir foi uma enorme preocupação ocasionada pelas escolhas, já que suas preferências influenciam intensamente a forma como a sociedade percebe as pessoas dentro de diferentes meios.

Visando todas estas modificações da sociedade em relação à compra de bens e nas infinitas possibilidades de “ser quem quiser”, o mercado criou tipos de publicidade no qual

¹ Hall utiliza o termo pós-modernismo, p. 12.

segmentou as ofertas para os novos grupos de consumidores, percebendo que os produtos carregavam consigo um aspecto significativo muito maior do que no surgimento da sociedade de consumo. Lipovetsky (2007) aponta que a lógica do mercado acaba transfigurando de produção de massa para “produção personalizada de massa”, já que além da produção incessante de mercadorias, as empresas começaram a anunciar produtos muito antes de seu lançamento no mercado baseado nas características do público alvo.

O mercado, então, fica dependente de que os consumidores estejam sempre “insatisfeitos”, fazendo com que sempre exista atração por novas mercadorias, gerando esse depósito de expectativa no ato de consumir. Segundo Bauman (2007), os consumidores estão tão alienados que não percebem como as empresas e grandes marcas estimulam, de forma cuidadosa, o consumo exacerbado. Os indivíduos participam de um processo ininterrupto, no qual se alimentam de bens e serviços baseados nos signos que todo produto apresenta (BAUMAN, 2007).

Analisando um estudo realizado em 2014 pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), pode-se relacionar aos comportamentos da sociedade moderna perante o consumo citados anteriormente. O estudo intitulado “Estudo do padrão de comportamento de Adimplentes e Inadimplentes” constatou que cerca de 79% dos inadimplentes, ou seja, consumidores que não cumpriram com o pagamento das suas dívidas, concordaram com afirmações expostas no estudo como: “prefiro sempre comprar a melhor marca existente no mercado mesmo que precise dividir em muitas parcelas” ou **“vale a pena fazer uma dívida comprando uma roupa que me faça sentir especial”**.

Segundo Bauman (2007), na atual sociedade de consumo, as pessoas escolhem quem querem ser, mas precisam ter condições para isso, reforçando a ideia de que os produtos carregam não apenas a utilidade material, mas também valores como: status, glamour, luxo, prestígio, etc. O autor afirma que as pessoas acabam desejando exibir-se como se fosse uma necessidade, mudando constantemente sua identidade conforme as exigências sociais, isto é, assumem definitivamente o papel de “mercadoria”, não se importando com o custo financeiro ou emocional, mas com o suprimento de suas incertezas e inseguranças.

Figura 1 – Estudo de comportamento de Adimplentes e Inadimplentes

EXPERIÊNCIAS X CONSUMO*		
Valorizam pessoas pelo estilo de vida expreso pelos bens materiais	Preferem comprar o que há de melhor, mesmo que seja necessário dividir em muitas parcelas	Desejam ter os produtos que os amigos e vizinhos possuem
Consideram o consumo uma alegria		Perdem a noção dos gastos em baladas/saídas
Compram para se sentirem melhor (consumo compensatório)		Pagam a mais por produtos que expressem a personalidade e estilo
Valorizam marcas e compram produtos pirata (prestígio > qualidade)	Acreditam que vale a pena fazer uma dívida para comprar uma roupa que o faça sentir especial	Ficam felizes quando se sentem admirados e invejados pelas outras pessoas

Fonte: SPC Brasil (2014).

A imagem acima ilustra de maneira clara como a aquisição de bens significa algo dentro do campo social para a maioria dos indivíduos e, que existe uma incansável busca de pertencimento ao meio social e satisfação de sentimentos, considerado desejos utópicos para Bauman (2007). O consumo tem se tornado cada vez mais hedonista, onde a felicidade é procurada a partir das relações de compra, assim sendo reinventada de acordo com o surgimento de novos produtos ou modas, conseqüentemente gerando um *loop* de anseios e desilusões.

Campbell (2001) apresenta o hedonismo moderno, dentro do hiperconsumo, como auto ilusivo, sendo que o ato de consumir pode realmente transmitir sensações de prazer, mas sempre passageiras e divergentes as expectativas. O autor compara os poderes imaginativos destes consumidores com as sensações de sonhar, no qual “Elas podem, evidentemente, dar prazer, exatamente como os sonhos da noite podem dar, mas bem podem ser aflitivas” (CAMPBELL, 2001, p. 115), complementando que assim como os sonhos, estes desejos também provêm de práticas e estímulos externos.

Compreende-se que ao investigar o hiperconsumo dentro da sociedade contemporânea – ou modernidade líquida como se refere Bauman –, a problemática não se restringe apenas ao consumo demasiado, mas o que condiciona tal ação: delimitar, na maioria dos casos, o consumo como uma ferramenta para atingir a felicidade. Lipovetsky (2007) abranda o

problema em sua obra “Felicidade Paradoxal” com um questionamento humanístico: “Quem não anseia pela felicidade? ”.

De maneira geral, a mídia utiliza deste interesse humano para empregar em publicidades a ideia de felicidade, oferecendo a possibilidade de o consumidor desfrutar de tal sentimento, mesmo que seu maior objetivo seja apenas vender o produto. Um exemplo de tal ideologia dentro das campanhas publicitárias é a utilização de atores e slogans que transmitam a sensação de alegria, bem-estar, padrão de beleza, etc. Elementos que reforçam a ideia de status pelo significado na sociedade pela mercadoria utilizada.

A subjetividade do consumo na lógica hiperconsumista, não se restringe apenas ao hedonismo, mas também à compra impulsiva, como, por exemplo, quando a compra é estimulada por outros estímulos e técnicas como as promoções: “Somente hoje nas Casas Bahia” (frase utilizada na maioria dos comerciais de uma das maiores redes de varejo de móveis e eletrodomésticos no Brasil). Tais comportamentos expõem o caráter egoísta e prejudicial não só ao indivíduo, visto que o consumo excessivo é promotor de inúmeras tragédias ambientais e do desenfreado acúmulo de lixo no planeta. Tendo como exemplo o relatório Global-E-waste (2017), divulgado pela Universidade das Nações Unidas, observou-se que só no ano de 2015, o Brasil gerou cerca de 1,5 milhão de toneladas de lixo eletrônico, correspondente a 36% de todo lixo produzido no continente americano.

Além do desencadeamento de um problema ambiental, o raciocínio que segue o hiperconsumo trouxe com ele problemas sociais, principalmente, para parte da população mais pobre, que não consegue acompanhar o ritmo deste tipo de consumo. Como consequência surge a equiparação social, pois mesmo o hiperconsumo diferenciando-se em alguns aspectos dentro das classes sociais, sua lógica é de senso comum para todos.

O pobre é forçado a uma situação na qual tem que gastar o pouco dinheiro ou os poucos recursos de que se dispõe com objetos de consumo sem sentido e não com suas necessidades básicas, para evitar a total humilhação social e evitar a perspectiva de ser provocado e ridicularizado(...) (BAUMAN, p. 74, 2007).

Desta forma, acredita-se que a busca por preencher problemas emocionais e sociais está inteiramente ligada à maneira subjetiva que o consumidor moderno apresenta e que isto acarreta em inúmeras complicações com a relação consumidor-produto, seja ela individual, social ou ambiental. É importante, também, destacar a complexidade em compreender tal temática visto que é impossível analisar sem levar em conta as inúmeras alternativas teóricas abrangentes que se incluem nos campos da economia, política, psicologia, história e da cultura.

2 MINIMALISMO: UM ESTILO DE VIDA

“Do que realmente eu preciso? ”. Esta é uma das frases essenciais para quem pretende adotar o estilo de vida minimalista. O minimalismo, muito conhecido no meio artístico, surge na contemporaneidade como um estilo de vida dentro da sociedade de consumo. Vai além da redução do hiperconsumo relativo à quantidade de bens, mas também, ao desapego material e emocional atrelado ao consumo exacerbado: “use as coisas, ame as pessoas”. Este estilo de vida propõem uma vida tranquila e simples, ajudando o indivíduo a perceber o que realmente precisa para viver com conforto e qualidade de vida.

2.1 ESTILO DE VIDA

Para Burke (2008), o termo cultura já não se compreende da mesma forma como no século XIX, no qual cultura definia a arte, a filosofia, a música, a literatura e a ciência. A partir do século XX, o termo cultura começou a ser empregado para definir os costumes, os valores, e os modos de vida dos indivíduos. Segundo o autor, a cultura está totalmente integrada à construção de identidade, principalmente para quando se escolhe um estilo de vida.

Estilo de vida é um termo relativamente novo, como afirma Burke (2008), e que pressupõe uma multiplicidade e pluralidade de sentidos, segundo Reginato (2011, apud Bourdieu, 2007). Estilo de vida pode estar associado a padrões de consumo e à infindável liberdade de escolha que os indivíduos contemporâneos possuem, ocasionando em umas diversidades de estilos de vida.

É importante destacar que os costumes constituídos em um determinado estilo de vida não são estabelecidos, necessariamente, por um alto ou baixo salário, mas sim pelo “gosto (refinado, médio e vulgar)”, conforme Reginato (2011, apud Bourdieu, 2007). Segundo a autora, a ideia de estilo de vida proporciona um senso de posição cultural, mesmo que não exclua um indivíduo com menores condições financeiras a possibilidade de escolher um estilo de vida.

Os estilos de vida também estão ligados a campos subjetivos como o amor, o lazer e o trabalho e: “são constituídos em função de grupos de consumo: maneiras de sentir, de ganhar e gastar, de morar, de beber e comer, de se vestir” (REGINATO, 2011, p. 56). Por fim, estilo de

vida está relacionado às decisões, às influências e à cultura que o sujeito está exposto em seu meio, agindo na construção de sua individualidade.

2.2 A CONTRACULTURA E MOVIMENTOS ANTICONSUMO

Para compreender o minimalismo enquanto um estilo de vida, dentro da sociedade de consumo, apresenta-se neste capítulo uma análise sucinta sobre o surgimento dos movimentos anticonsumo que deram origem a pensamentos norteadores do minimalismo. As primeiras aparições de um movimento anticonsumo estruturado perante a sociedade e a imprensa, surgiram após o surgimento da contracultura, a qual responsabilizava o consumo excessivo como grande causador das degradações ambientais no planeta (PORTILHO, 2010).

A contracultura surgiu logo após o final da Segunda Guerra Mundial, ganhando enorme repercussão entre os jovens. Além de o anticonsumo ser uma característica do movimento, existiam outras particularidades como: “valorização da natureza; vida comunitária; luta pela paz; vegetarianismo; respeito às minorias; liberdade nos relacionamentos amorosos; aproximação a práticas religiosas orientais; (principalmente do budismo) e críticas aos meios de comunicação de massa” (PEREIRA, 1986, p. 43).

Esta cultura alternativa surgiu como total oposição, uma crítica quase que anárquica ao estilo de vida que era imposto à sociedade na década de 1950. Pereira (1986) explica que a contracultura além de ser um movimento rebelde da juventude da época, também poderia ser entendida como uma forma de “contestação”, algo abstrato que começaria a se difundir em outras linhas chegando futuramente em movimentos como: punks, indies, hippies, vanguardas, etc.

Dentre os movimentos que surgiram na época, aquele com maior influência dentro da contracultura foi o movimento *Hippie*. Além dos valores agregados a contracultura, os *Hippies* criticavam a forma como os jovens eram representados pela sociedade de consumo, categorizando-os como pré-adultos. O movimento, então, estimulava o jovem a construir, ele mesmo, sua própria identidade, como afirma Coelho (2003). É possível aqui relacionar a construção de identidade citada por Coelho (2003) à explanação de Lívia Barbosa (2014), no qual explica dentro da lógica de consumo, que todo bem material pode transmitir uma mensagem e conseqüentemente ser responsável ou não pela construção de identidade do consumidor.

Com a ascensão do movimento *Hippie*, o mercado foi atingido e os meios de comunicação começaram a associar os seguidores do movimento com o uso de drogas,

confusão e irresponsabilidade. Mais tarde a indústria cultural acabou percebendo que os *Hippies* eram um novo segmento e acabaram inserindo-os dentro da sociedade de consumo. “Um movimento contra a sociedade de consumo passa a ser divulgado por ela, que começou a produzir bens para os adeptos desse movimento” (COELHO, 2003, p.43). O movimento acabou afirmando o poder do mercado cultural e sua influência na sociedade, transformando os *Hippies* em um novo público-alvo.

O pensamento contracultural ofereceria uma alternativa a tudo que era proposto pela mídia e pelo mercado. O indivíduo poderia, então, usufruir da sua liberdade de escolha para viver e consumir da maneira que lhe fosse pertinente. Consequentemente, o número de movimentos oriundos da contracultura cresceu e persistiu até os dias atuais. Na atualidade, surgiram propostas materialistas, denominadas por Portilho (2010), de novos movimentos anticonsumo. As propostas atuais destes movimentos vão além da preocupação ambiental, mas também dos problemas sociais e da fraca relação entre consumir e ser feliz, onde podemos citar o Minimalismo.

Os movimentos anticonsumo atuais tiveram como base os movimentos da década de 1960, mas organizaram-se em fundamentos distintos como afirma a autora:

Poderíamos pensá-lo como uma espécie de releitura e atualização dos movimentos anteriores, acrescentando novas questões trazidas pela globalização, pelos movimentos ambientalistas, pelo desenvolvimento de novas tecnologias de informação, pela biotecnologia e pelo advento da chamada Sociedade de Risco. O novo movimento anticonsumo surge no bojo dos chamados movimentos antiglobalização, principalmente na Europa e nos EUA, atingindo também parte das elites intelectuais e lideranças sociais dos países em desenvolvimento (PORTILHO, 2010, p. 62).

Estas organizações que se opõem ao consumo exacerbado na atualidade, embora, demonstrem um interesse maior pelo assunto, parecem partir de ideias mais individualistas e não em um pensamento coletivo como os movimentos do início da contracultura (PORTILHO, 2009). Mesmo que o egocentrismo possa ser visto de forma negativa, como afirma a autora, ela explica que a partir destas ações individuais possibilita-se o surgimento de novos estilos de vida, refutando uma homogeneização de pensamentos.

Estes pensamentos “alternativos”, oriundos do antigo movimento contracultural, ganharam força com o avanço tecnológico nos meios de comunicação. A internet possibilitou a criação de grupos sobre pautas políticas, sociais e ambientais dentro das redes sociais. Um exemplo é o grupo “Minimalismo Brasil”, criado na rede social *Facebook* que conta com a participação de quase cinco mil membros. **“Um grupo criado para debater a cultura**

minimalista, e desmistificar todo preconceito contra este estilo de vida. ” – Esta é a descrição encontrada na página do grupo.

Uma das ideias alternativas remanescentes aos pensamentos da década de 60, e que podem ser encontradas em inúmeras postagens do grupo, é a que se refere a conceitos como “vida simples”, “menos é mais” e “consumo consciente”. Existe uma dificuldade em abordar o conceito de vida simples sendo que ela é um conceito bastante individual.

Maior liberdade com o uso do tempo, a busca por relações interpessoais, a redução do consumo, a redução de impactos ambientais e valorização da vida como um todo são particularidades identificadas em grupos que adotam uma vida simples, é possível citar grupos como: vegetarianos, veganos, mochileiros, praticantes de yoga, etc. Todos inserem a simplicidade de alguma forma em seus cotidianos. Por outro lado, a materialidade, a prisão da autonomia em relação ao seu próprio tempo, perda de liberdades individuais, contribuições para a degradação ambiental, relacionam-se com estilos de vida hiperconsumista, identificados como negativos pelos adeptos destes grupos.

Um movimento que pode ser considerado antecessor ao minimalismo e que também é considerado um estilo de vida é a simplicidade voluntária. Este movimento não só propõe consumir menos, mas também reduzir pensamentos e sentimentos que prejudiquem nossas vidas, como anseios, expectativas, avareza, inveja, possessividade, etc. Mello (2007), monge ordenado no Zen Budismo, destaca que ninguém “domina” a simplicidade em sua vida, mas que diariamente sofre um aprendizado, por isso, a importância da convivência com grupos de pessoas para troca de experiências.

Mello (2007) relata que em uma visita a uma Ecovila² na Escócia, deparou-se com pessoas que praticavam em seu dia a dia o que para ele era uma filosofia difícil de exercer. Eram pessoas com altos salários que viviam de forma tão simples que eram classificadas como indivíduos abaixo da linha da pobreza pelo Banco Mundial.

A ideia de simplicidade dentro de um estilo de vida, embora bastante particular, é observado em muitas práticas relacionadas à desvalorização com bens materiais e valorização de relações interpessoais. O entendimento sobre este conceito dentro destas práticas e dentro do próprio minimalismo, que será discutido posteriormente, é algo que cada indivíduo compreende de forma diferente e que está diretamente relacionado a como ele percebe os valores adotados para seu cotidiano e suas relações.

² Comunidades urbanas ou rurais compostas por indivíduos que tem a intenção de integrar uma vida social em harmonia com um estilo de vida sustentável.

2.3 MINIMALISMO: AS COISAS IMPORTANTES DA VIDA

Assim como os outros estilos de vida aqui abordados, o minimalismo é uma maneira de viver, caracterizada, principalmente, por uma abordagem que confronta o hiperconsumo subjetivo e que propõe viver com o necessário sem abrir mão do bem-estar. O principal lema dos adeptos a este estilo de vida é a frase “Menos é mais”, explicando que possuir menos pode ajudar a alcançar aspectos e sentimentos mais reais na vida.

Em uma entrevista a BBC Brasil, em 2017, Marcelo Vinagre Mocarzel, professor na Universidade Federal Fluminense e pesquisador em Cultura e Comunicação, explica que o movimento minimalista é totalmente oriundo dos movimentos contraculturais da década de 60 que questionavam o consumo excessivo, mas com algumas ressalvas:

Diferente dos contra culturais, contudo, os minimalistas não buscam construir uma sociedade alternativa. "Os minimalistas têm buscado combater o consumismo por dentro do sistema. Isso quer dizer que eles trabalham, se vestem normalmente e até consomem. Em certa medida, os minimalistas se aproximam mais dos capitalistas clássicos descritos por Max Weber: capitalismo não é o problema para eles, mas sim esse capitalismo selvagem ancorado na ostentação e no desperdício (MOCARZEL, 2017).

O minimalismo não propõe uma radicalização na forma de consumir, nem é um movimento contra o capitalismo, mas sim, uma proposta para que as pessoas reconheçam o que é necessário em suas vidas; saber identificar o que é importante. A essência dá-se na negação da ostentação e de compulsão, criticando a quantidade de objetos que significam dentro do círculo social. Mesmo que Mocarzel (2017) afirme que o Minimalismo tenha se originado a partir de pensamentos contraculturais, o movimento tem fortes influências do meio artístico, que por sua vez já era conhecido.

O movimento minimalista, nas artes surgiu com uma forma de concentrar ao máximo a variedade em uma única imagem em si mesmo (ROJAS e MOCARZEL, 2014). O movimento surgiu na década de 1940, no momento em que o expressionismo no EUA vinha sofrendo decaimento. A arte minimalista tinha como principais características as formas geométricas, que enfatizassem formas elementares. O pensamento do movimento nas artes era construído a partir de ideias como: despojamento, neutralidade e simplicidade, executados através de materiais como: vidro, aço e acrílico, sendo a “base” para a arte minimalista (SIQUEIRA, 2012).

Segundo Siqueira (2012), o minimalismo gerou uma polêmica dentro do meio artístico, pois se tratava de um movimento “anti-modernista”. A arte minimalista era totalmente literal, pois era reduzida a uma insignificância visual, conceitual e expressiva, totalmente oposta ao modernismo que por sua vez fazia oposição às formas clássicas. Siqueira

(2012) destaca que o minimalismo não surgiu como resultado de uma falha do modernismo, ou por uma separação das tradições anteriores, mas sim uma liberdade maior ao artista.

Quando a partir da década de 60, surgiram as primeiras obras minimalistas que abandonavam a bidimensionalidade da pintura e lhe juntavam elementos na terceira dimensão, transgredindo deliberadamente esse princípio da bidimensionalidade da pintura e propondo ‘objetos arbitrários’, estes novos artistas passaram a produzir simplesmente arte, que não podia ser classificada nem de pintura nem de escultura, já que tinham rompido os laços com os ofícios e as tradições específicas de ambas (SIQUEIRA, p. 31, 2012).

A arte minimalista era caracterizada como neutra, pois não propagava ideias concretas ou emoções. As formas geométricas e abstrações dentro do minimalismo tiveram forte influência do escultor Constantin Brâncusi. Este artista foi pioneiro na utilização em suas obras a abstração de formas, tornando-se um dos grandes nomes da Vanguarda moderna.

Assim, o minimalismo dentro da arte nasce como uma forma não só de libertação ao artista, mas como se assim ele pudesse eliminar qualquer vestígio de sua autoria. As obras agora não dependiam mais do expressionismo, mas sim de uma sagacidade em ocupar espaços e posicionamentos dentro das pinturas e esculturas. Entre os principais artistas considerados minimalistas estão: Dan Flavin, Sol Lewitt, Frank Stella, Robert Mangold, e Agnés Martin.

O minimalismo como movimento artístico também se disseminou para música, para o cinema, para arquitetura, etc. Segundo Siqueira (2012), a arte, como forma de expressão, possibilita inúmeras reflexões de sentidos. Configurando-se, também, como uma forma de disseminar ideias e padrões. O minimalismo manifesta-se dentro da arte como uma forma de o espectador apreciar a sensibilidade, levar a essência das produções artísticas, mostrando que a simplicidade também pode ser carregada de sentidos.

Figura 2 – Arte de Sol LeWitt



Fonte: Lisson Gallery, (2017)

Todo estudo acerca do minimalismo dentro da sociedade de consumo, compreendido como um estilo de vida parte de artigos relacionados ao tema como embasamento teórico principal e a utilização de artigos e pesquisas publicadas em *blogs, vlogs, sites* de notícias e até mesmo no grupo “Minimalismo Brasil” da rede social *Facebook*. É preciso esclarecer alguns aspectos observados durante a pesquisa sobre o tema, que possam ser úteis para a sua compreensão.

O primeiro é que dentro da sociedade de consumo o minimalismo ainda não possui a mesma contribuição teórica existente no campo artístico, já que a arte minimalista teve seu conceito construído ao longo de décadas e o minimalismo voltado para uma cultura de consumo está começando a ser trabalhado. O segundo aspecto importante que deve ser destacado é de que o minimalismo ainda não pode ser considerado uma “subcultura”, pois segundo Morcazel e Rojas (2015), para ser considerado uma subcultura, este novo grupo precisa transgredir organizações com predomínios contemporâneos.

Enquanto os hippies e os punks pregavam sociedades alternativas, desconstruindo o status quo, os minimalistas querem apenas reduzir os ímpetos da sociedade de consumo, sem necessariamente deixar de fazer parte dela. Eles não pregam a revolução estrutural, mas a mudança individual. Portanto, não estamos falando de uma subcultura, mas sim de um estilo de vida (MORCAZEL E ROJAS, p. 135, 2014).

Fazendo um retrospecto e apresentando o terceiro ponto, o minimalismo também é considerado uma segunda onda da simplicidade voluntária como afirma Dopierała (2017), o que poderia ser considerado como propulsor ao estio de vida minimalista. O último ponto a destacar é a suposição feita por Dopierała (2017), com total concordância, no qual a autora explica que o minimalismo é multidimensional, internamente, inconsistente e efêmero, ou seja, não há ninguém que se defina somente como minimalista, sem carregar consigo outros valores além do consumir consciente. Cada indivíduo cria seu conjunto único de crenças e ações que diferem em seu escopo a intensidade de mudança.

Minimalismo pode ser observado através de vários pontos de vista (eles não precisam estar desarticulados), ilustrando a complexidade do fenômeno: Como exemplo de uma cultura consultiva e terapêutica; Como uma tendência de marketing, cujos elementos são usados em diferentes aspectos da vida; Como ilustração de uma nova espiritualidade anti-consumista; Como estilo de consumo em que a quantidade de posses é limitada, mas eles ainda são consumidos pela escolha de produtos de maior valor e qualidade ou por desejos existenciais (experiências, emoções etc.); Como uma forma alternativa de satisfazer as necessidades, que desenvolvem práticas em oposição ao consumo excessivo (DOPIERALA, p. 71, 2017).

O minimalismo começou a se tornar popular a partir de 2008 como resultado da crise no mercado capitalista (DOPIERAŁA, 2017). Esse estilo de vida tem se banalizado através das redes sociais e livros de autoajuda, promovendo o minimalismo como uma cultura individualista e autossuficiente, não fugindo da lógica do consumo hedonista, como afirma a autora. O minimalismo vai além de trazer benefícios somente a seu praticante, é uma filosofia difundida justamente para aproximar as pessoas e amenizar os impactos ambientais causados pelo consumo exacerbado.

“Minimalism: a documentary about important things” (“Minimalismo: um documentário sobre as coisas importantes”), exibido pelo site de *streaming* Netflix, foi baseado na história de dois amigos: Joshua Fields Millburn e Ryan Nicodemus, dois jovens que atingiram o sucesso em suas carreiras profissionais, mas que perceberam que mesmo tendo conquistado esse ápice visto pela sociedade como bem-sucedidos, não eram felizes. A partir deste documentário é possível compreender a ideologia básica do movimento e como ele agiu de forma positiva na vida das pessoas que o adotaram.

Millburn e Nicodemus também possuem um blog³, onde é possível encontrar várias informações sobre o minimalismo, livros à venda, *podcasts* e até a agenda de suas *tours* pelos Estados Unidos, no qual disseminam a ideologia minimalista. Em seu blog, os dois amigos descrevem o minimalismo como uma ferramenta para atingir desejos que, muitas vezes, são repreendidos pelo excesso de consumo e de bens. Os blogueiros destacam que o minimalismo não é um modismo, no qual apenas pessoas brancas, privilegiadas e ricas podem experimentar. Eles explicam que se trata de uma ideologia que qualquer um pode seguir. Ser minimalista não impede de usar e consumir bens, mas sim agir de forma consciente e se opor ao hiperconsumo subjetivo.

O problema de hoje parece ser o significado que atribuímos a nossas coisas: tendemos a dar muito significado às nossas coisas, muitas vezes abandonando nossa saúde, nossos relacionamentos, nossas paixões, nosso crescimento pessoal e nosso desejo de contribuir além de nós mesmos. Quer possuir um carro ou uma casa? Ótimo, tem isso! Quer criar uma família e ter uma carreira? Se essas coisas são importantes para você, isso é maravilhoso. O minimalismo permite simplesmente que você tome essas decisões de maneira mais consciente, mais deliberada (MILLBURN e NICODEMUS, 2018).

Os amigos relatam que o minimalismo os ajudou a melhorar muitos aspectos de suas vidas como: crescimento enquanto indivíduos, preocupação maior com a saúde, administração do tempo, livrar-se do excesso de coisas e contribui para perseguirem seus sonhos. Para eles o minimalismo pode ser definido em: **“O minimalismo é uma ferramenta para se livrar do**

³ Disponível em: <<https://www.theminimalists.com>>.

excesso de vida em favor de se concentrar no que é importante - para que você possa encontrar felicidade, realização e liberdade.” (MILLBRUN e NICODEMUS, 2018).

Assim como na maioria dos hiperconsumidores que buscam a felicidade na compra de objetos, o minimalismo colabora para buscar ser feliz sem utilizar os bens materiais, mas a própria vida de maneira geral, seja por relacionamentos, viagens, trabalho, *hobbies*, etc. Não é preciso ser restrito e ser totalmente radical e crítico ao sistema capitalista, parando de consumir de forma geral, “cabe a você determinar o que é necessário e o que é supérfluo em *sua* vida.” (MILLBURN e NICODEMUS, 2018). **O propósito principal não é parar de consumir, mas viver de maneira mais simples para reduzir o estresse e ter mais liberdade.**

Um questionamento que se levanta ao pesquisar sobre este estilo de vida é: a ideologia minimalista não prejudica o sistema econômico? Visto que atualmente o minimalismo tem se popularizado através de blogs, vlogs e até mesmo pelo documentário de Joshua e Ryan. Segundo Mota e Veloso (2017), o minimalismo não tem grandes impactos na economia justamente por ser uma ideologia que vai contra ao hiperconsumo e não ao consumo. É claro que alguns setores seriam afetados, como o de roupas descartáveis de lojas *fast fashion*, que vendem roupas muito baratas, sustentadas por uma mão de obra barata, como afirmam os autores.

Outro ponto a destacar é que a grande crise econômica que ocorreu em 2008 nos EUA, e que afetou o mundo de forma geral, aconteceu justamente pelo excesso de consumo e não pela falta dele, gerando um endividamento gigantesco no setor imobiliário. Mota e Veloso (2017) destacam que o principal responsável por esta crise foi este incentivo pela aquisição de bens, troca de materiais, impulsionamento financeiro e fácil acesso ao crédito.

Entretanto, outros setores da economia poderiam beneficiar-se com o minimalismo como: turismo, gastronomia, teatro, shows, já que o indivíduo que segue este estilo de vida prefere dar um valor maior às experiências e que possibilitem uma maior relação interpessoal. Mota e Veloso (2017, p.01), ainda, complementam: “Os minimalistas também tendem a poupar mais, o que pode derrubar o risco conjuntural de uma economia e melhorar a qualidade do crédito ofertado pelos bancos (...)”.

Talvez a ideologia minimalista não vá propagar-se ao ponto de extinguir o hiperconsumo, já que existe um forte mercado publicitário contrário a todos os princípios norteadores do minimalismo. Porém, durante este trabalho de pesquisa observou-se que este estilo de vida surge como uma alternativa à ideia que é plantada no cotidiano, na qual os

indivíduos da sociedade de consumo precisam estar sempre consumindo algo, mesmo sem realmente precisar.

Provavelmente este seja o grande potencial da ideologia: a liberdade de escolha. Não existe um número certo de produtos que os minimalistas podem possuir e/ou devem adquirir; não existe um padrão a ser seguido. Cabe ao indivíduo que pretende adotar, decidir o que permanece e o que vai ser excluído de sua vida.

A utópica busca pela felicidade talvez tenha sido amenizada pela maneira como os indivíduos minimalistas pensam. De um lado, temos hiperconsumidores ansiosos em satisfazer de alguma forma seus desejos através do consumo inconsciente. Do outro lado, observamos indivíduos que estão fartos da lógica hiperconsumista e buscam ser felizes consumindo diferente e não parando de consumir, dando uma importância maior à vida e não aos objetos. “Use as coisas, ame as pessoas. O oposto nunca dará certo” (Minimalismo: um documentário sobre as coisas importantes, 2016).

3 FODOCUMENTARISMO

A fotografia demonstrou ser um dos maiores inventos da humanidade, dando não apenas um novo meio de recordarmos os acontecimentos históricos em nossas vidas, mas o poder comunicacional vinculado à produção de imagens. O registro fotográfico é constituído de representações sociais, culturais e ideológicas que exercem o papel de transmitir conhecimento.

Philippe Dubios (2012), em sua obra “O ato fotográfico”, apresenta que nos primórdios de sua concepção a fotografia era “espelho do real”, ou seja, o efeito de realidade encontrado na fotografia se dava pela semelhança entre o objeto fotografado e a imagem real, expondo a ideia de que a imagem fotográfica era mimética por essência. Entretanto, o autor apresenta uma segunda perspectiva, na qual a fotografia seria um espelho neutro, que é utilizada com um instrumento de transposição, de análise, de interpretação e até mesmo transformação do real.

A fotografia, após se difundir pelo planeta como um meio comunicacional, dividiu-se em diferentes segmentos como: fotografia de paisagem, selvagem e natureza, moda, esportes, eventos sociais, etc. A grande facilitadora para essa difusão foi a tecnologia empregada no ramo fotográfico, que ofereceu aos fotógrafos a opção de trabalhar digitalmente, com objetivas de melhor precisão, câmeras com mais recursos e mais compactas. Tom Ang (2010) aponta que a fotografia digital em apenas algumas décadas de existência, já se tornou destaque como meio de expressão, fazendo com que os fotógrafos que adotaram esta nova prática, concentrem-se em transformar suas habilidades e sua afeição pelo assunto fotografado – o que antes era dificultado pelas técnicas primárias da fotografia.

Este capítulo traça um breve panorama sobre a fotografia documental ou fotodocumentarismo; gênero que surgiu paralelamente ao fotojornalismo e que apresentou novas possibilidades aos profissionais da área, como, por exemplo, a subjetividade dentro da fotografia.

Além do contexto histórico do fotodocumentarismo e suas diferenças do fotojornalismo, explora-se o gênero presente na fotografia documental, que foi utilizado para a realização do projeto – o ensaio fotográfico –, gênero que possibilita o autor aplicar um ponto de vista em relação ao tema fotografado, no qual o fotógrafo pode expressar com mais intensidade sua visão sobre determinado tema.

3.1 FOTOGRAFIA DOCUMENTAL

Embora o fotojornalismo e a fotografia documental caminhem paralelamente, Tom Ang (2010, p. 211) destaca que existe uma diferenciação não muito clara entre as duas abordagens fotográficas: “A fotografia documental visa registrar, com discernimento, porém, com imparcialidade, o cotidiano existencial dos povos [...]”.

O fotojornalismo, por sua vez, possui um caráter mais atual e de rápida captura, não dando a possibilidade de planejamento, como a fotografia documental oferece ao fotógrafo. A fotografia jornalística, segundo Ang (2010), pode ser definida como o fornecimento de fatos para um noticiário.

Para Sousa (2002), o fotojornalismo tem um sentido específico e caracteriza-se como uma atividade que visa informar, contextualizar, oferecer conhecimento, esclarecer ou ‘opinar’ através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico. O fotojornalismo atende a demanda de produção de um veículo de comunicação e filia-se a sua linha editorial, buscando apresentar de forma clara, nítida e objetiva um acontecimento voltado ao consumo imediato no jornal/revista para um público amplo. O fotojornalista trabalha com a atualidade, visando mostrar o que está acontecendo no calor da hora e com a “linguagem do instante”. A visão do autor sustenta o compromisso do fotógrafo com a verdade e o real.

O fotodocumentarismo compartilha com o fotojornalismo, o compromisso com a realidade, porém, diferencia-se desse ao abordar, preferencialmente, os fenômenos estruturais ao invés do âmbito noticioso, distanciando-se desta forma dos prazos de produção mais curtos da imprensa diária. Assim, abre-se também a circuitos mais variados de distribuição, como a galeria, o museu e o livro para a expressão da subjetividade, da criatividade e da poética visual do fotógrafo.

Antes mesmo do termo “fotografia documental” ser utilizado, existiam fotografias que poderiam ser consideradas do gênero documental, afirma Oliveira (1999), como, por exemplo, uma série fotográfica⁴ de Eadweard Muybridge, que capturou um cavalo galopante em 1878. O fotodocumentarismo era praticado inconscientemente, ou seja, não tinha um propósito definido ou nenhum planejamento. O grande avanço e nascimento do gênero só foram

Disponível em: <<http://100photos.time.com/photos/eadweard-muybridge-horse-in-motion>>.

possíveis a partir do momento em que os fotógrafos da época estavam libertos para trabalhar fora de seus ateliês, graças aos avanços tecnológicos. A partir de então surgiram inúmeros documentos fotográficos de cunho social (OLIVEIRA, 1999).

Logo após a Segunda Guerra Mundial, todos meios de comunicação sofreram uma reestruturação, principalmente, no rádio, cinema e na fotografia. Estes progressos comunicacionais permitiram não só o nascimento do fotojornalismo, mas também sua disseminação pelo mundo como uma ferramenta na transmissão de informação. Nessa época, fotógrafos viajavam o mundo atrás de histórias que posteriormente eram ilustradas por suas fotografias. Robert Capa, Henri Cartier Bresson, David Seymour e George Rodger foram os profissionais mais influentes na época e, juntos fundaram a agência de fotografia Magnum Photo Inc. (1947), com o objetivo de manter a liberdade artística dos fotógrafos e o controle sobre seus direitos de imagens.

A Magnum surgia como uma nova maneira de comercializar as fotografias. Seus fundadores, além de visarem a liberdade de criação, também queriam ser independentes comercialmente. As experiências com guerras, principalmente, a espanhola e a Segunda Guerra Mundial, havia os afastado dos escritórios dos editores que publicavam seus trabalhos, o que resultou na autonomia de decisão comercial sobre as imagens e na aproximação com os assuntos fotografados. Entretanto, como aponta Zerwes (2013), esse afastamento tornou difícil lidar com questões profissionais que acabavam ultrapassando a fotografia depois de vendidas para jornais e revistas, no que tange o trabalho dos editores que escolhiam como apresentá-las.

Na Magnum, o fotógrafo deveria ser na maioria das vezes quem toma as decisões sobre o que fotografar, sobre as legendas das imagens, bem como passou a deter os direitos sobre subsequentes das reproduções. Acompanhando a carreira destes fotógrafos entre a metade das décadas de 1930 e de 1940, pode-se procurar entender como ocorreu esta passagem, em que o repórter fotográfico passou de um empregado menor que servia um editor e um escritor, a uma figura quase mítica, tão destemida quanto sensível, artística e politicamente; passagem esta na qual acredita-se que as fotografias de guerra dos fundadores da Magnum têm papel decisivo (ZERWES, 2013, p.20).

Para Oliveira (1999), os fundadores da agência Magnum foram importantes contribuintes para a compreensão que possuímos hoje dos conflitos que ocorreram no passado, através das imagens que transmitiam beleza, terror, guerras e catástrofes. A criação de agências, como a Magnum, possibilitou a transnacionalização da fotografia em gêneros jornalísticos e o surgimento de trabalhos documentais (SOUZA, 2002).

O surgimento do fotodocumentarismo, portanto, ocorre quase que, paralelamente, à ascensão do fotojornalismo no pós-guerra tornando-se uma vertente do gênero jornalístico. Souza (2002) afirma que na década de 30, nos EUA, enquanto o fotojornalismo integrava-se de maneira completa nos jornais americanos, o fotodocumentalismo, por sua vez, diferenciava da primária ideia de que servia apenas para testemunhar.

Mesmo que o fotodocumentarismo não abandonasse o caráter social e o realismo fotográfico, foi nesta época, que de acordo com Souza (2002), em que diferentes linhas de atuação foram promovidas. Para Lombardi (2008), estas linhas, tais como: cotidiano, experiências da vida simples, hábitos, são as características que diferem o fotodocumentalismo moderno para o do início do século XX. “A partir da banalidade do cotidiano, o fotógrafo procurava ressaltar exatamente essa ausência suposta de significado do objeto ou pessoa fotografados, oferecendo ao olhar um leque de interpretações”. (LOMBARDI, 2008, p. 40).

Ainda, segundo Lombardi (2008), os principais responsáveis por esta ruptura do gênero documental clássico foram os fotógrafos Robert Frank (1924-), Lee Friedlander (1934), Garry Winogrand (1928-1984), Diane Arbus (1923-1971) e William Klein (1928-), que apresentavam em seus trabalhos diferentes abordagens dentro do gênero.

A partir de Robert Frank, a fotografia começou a se distanciar da herança ideológica de uma suposta objetividade que havia sido introduzida no discurso do fotojornalismo em sentido amplo. Segundo Jorge Pedro Souza (2000), a prática fotográfica que tinha um sentido mais linear foi substituída, a partir do trabalho de Frank, pela polissemia, voltada para todos os sentidos possíveis (LOMBARDI, 2008, p. 41).

A partir destas mudanças, a narrativa fotodocumental adquiriu subjetividade, o que poderia instigar inúmeras interpretações por parte do observador. O “imaginário” começou a ser utilizado pelos fotógrafos dentro do gênero documental e a utilização de técnicas fotográficas como:

Baixa profundidade de campo: Segundo Carroll (2017), a profundidade de campo diz respeito ao intervalo de distâncias em relação à câmara dentro da qual os objetos fotografados surgem com uma nitidez aceitável. De forma resumida, as objetivas com maior abertura de diafragma resultam em uma profundidade de campo mais curta, por isso, se pretende obter uma fotografia de retrato com um belo fundo desfocado ou baixa profundidade de campo, a definição da abertura será no máximo. Controlar a profundidade de campo é uma das técnicas mais úteis à sua disposição para captar fotografias criativas.

1) **Longa exposição:** técnica utilizada na qual o fotógrafo configura a câmera para que o obturador fique mais tempo aberto e, conseqüentemente, o sensor passe mais tempo sendo exposto à luz. Neste projeto a longa exposição foi utilizada em momentos que o ambiente que iria ser fotografado disponibiliza pouca iluminação.

Estas técnicas começaram a ser mais utilizadas nesta narrativa, segundo Souza (2002), os fotógrafos atuais desse gênero não seguem restritamente a ilusão de uma verdade universal durante a função de sentido das imagens, mas uma necessidade de questionamento do observador diante do que é exposto, “uma verdade subjetiva” como aponta o autor.

Um grande exemplo da fotografia documental moderna pode ser observado nas duas temporadas da série exibida pela Netflix: “Tales by light” (2015-2017). A série permite ao observador apreciar o outro lado da fotografia através das experiências relatadas pelos fotógrafos. Diversos profissionais da fotografia documental que trabalham com temas casuais que vão desde assuntos rotineiros até questões consideradas tabus, como a morte.

No quinto episódio da série, intitulado “Panorama”, o convidado é o fotógrafo de paisagem, Peter Eastway, que vê a fotografia como uma mistura de registro e interpretação. Eastway além de ser conhecido por fotografar paisagens, faz sucesso, também, pelo tratamento de imagem que efetua em suas fotografias. Ele levanta um questionamento importante sobre o uso da edição na fotografia documental, lembrando os fotógrafos de guerra que eram mal vistos por manipularem as fotografias conforme sua criatividade.

Para Eastway (2015) o fotógrafo documental possui um contrato com a sociedade, no sentido em que muitos indivíduos quando observam uma fotografia tem uma expectativa de que aquilo que está sendo apresentado é real. Assim, “Se você é um fotógrafo documentarista eu acho que você precisa respeitar isto, mas se estiver usando a fotografia como arte, como eu, então a única limitação é a sua imaginação” (EASTWAY, 2015).

No episódio “Vida e morte: parte 01”, quinto episódio da segunda temporada, o fotógrafo documental Stephen Dupont relata suas inúmeras experiências ao registrar catástrofes, a pobreza e povos marginalizados. Dupont (2017) expõe como sua relação com os temas fotografados afetou sua percepção humanística, principalmente em relação à morte, visto que, na maioria de suas coberturas a morte era banalizada nas regiões em que esteve. Dupont (2017), também, destaca a importância da integração que o fotógrafo deve ter com o tema relatado dentro da fotografia documental. Esta fusão “fotógrafo-tema” é relevante, pois

impede a interferência do meio exterior e, conseqüentemente, possibilita compor e apresentar a cena de forma real.

A partir de uma análise dos episódios de “Tales by light”, compreende-se que mesmo o fotodocumentarismo da atualidade possuindo um número de recursos técnicos superior aos que os fotógrafos possuíam no início do século XX, o caráter de transmitir “o real” ainda permanece na fotografia documental de forma subjetiva, pois não depende só do que a imagem significa para o fotógrafo, mas também da interpretação do observador possibilitada a partir da liberdade criativa do artista.

A essência da fotografia documental dentro da mídia mantém seu poder e representação realista, precisão, clareza, nitidez e credibilidade. Porém, a necessidade da imparcialidade tem se desprendido do gênero documental. Os fotógrafos têm buscado criar seus próprios trabalhos, a partir do seu próprio ponto de vista, como afirma Butler (2007). Segundo o autor, essa independência artística e as novas tecnologias introduzidas no campo fotográfico, proporcionaram a difusão da fotografia documental no viés editorial a partir do **ensaio fotográfico** (FREEMAN, 2011) ou **foto-ensaio** (SOUZA, 2002). Segundo os autores, este gênero pertencente ao fotodocumentarismo ampliou as possibilidades de divulgação e de criação para o fotodocumentarista.

3.2 ENSAIO FOTOGRÁFICO: FOTOGRAFIA DOCUMENTAL COM UMA PERSPECTIVA

Segundo Michael Freeman (2011), o primeiro ensaio fotográfico apareceu em uma edição da revista “Life”, em 1937, com o objetivo de promover a reportagem fotográfica como uma nova maneira de contar histórias, diferente de um simples conjunto de imagens. A “Life” foi pioneira no uso de ensaios fotográficos em suas edições, mas outras revistas também adotaram o formato, como: “Look” (1937), “Picture Post” (1938), “Paris Match” (1949) e “Epoca” (1950). Freeman (2011) compreende que o grande aspecto para o surgimento dos ensaios fotográficos dentro da narrativa documental foi o avanço tecnológico das câmeras mais rápidas e discretas.

O fotógrafo considerado precursor e mestre do ensaio fotográfico foi W. Eugene Smith, que trabalhou para a revista “Life” entre 1948 e 1954 e produziu “Country Doctor” (1948), considerado como o primeiro ensaio fotográfico moderno (FREEMAN, 2011). O ensaio abordava os desafios do cotidiano do médico Dr. Ernest Ceriani no interior do Colorado (EUA).

Já nessa época, a pré-produção de um ensaio fotográfico era complexa, visto que, além da pesquisa sobre o tema que seria trabalhado, o fotógrafo pesquisava sobre o cenário e os personagens que fariam parte do projeto. No caso de “Country Doctor” (1948), o fotógrafo Smith esclareceu que além do preparo, as cenas ainda sofriam alguma direção ou rearranjo, a fim de dar coerência criativa e editorial para o trabalho. Todo este preparo tinha o propósito de melhor traduzir a história através das imagens. “Country Doctor” foi um clássico instantâneo quando publicado pela primeira vez, tornando Smith como mestre da única forma de arte jovem comandante do ensaio fotográfico e solidificando sua posição como um dos fotojornalistas mais apaixonados e influentes do século XX.

Figura 3 – Country Doctor (1948)



Fonte: Magnum Photos, (1948).

Mesmo que a foto-reportagem e a foto-ensaio possam ser confundidas, Souza (2008) destaca que existe uma diferença notória entre os dois gêneros: a liberdade de expressão. A partir da utilização de recursos como: encenação fotográfica, combinação e manipulação digital das imagens, o fotógrafo constrói a história a partir de um panorama particular, sem uma imposição de manter neutralidade referente ao tema abordado. A partir do ensaio que o profissional pode expressar com mais intensidade sua visão sobre determinado tema, e é importante que se sinta a particularidade que a presença do ponto de vista do autor permite ao trabalho.

Ao mergulhar em um ensaio, o autor se vê inserido em um processo que exige muito mais que a captura de imagens. Exige uma reflexão sobre a conexão entre estas imagens e o

fotografado, sobre a edição que melhor pode expressar sua intenção no trabalho (tendo assim mais efeito que a simples exposição de tudo que se pode revelar a respeito do assunto em questão) e sobre a apresentação que seja mais eficiente para tocar o outro, o observador.

Segundo Fiuza e Parente (2008, p. 173), o ensaio fotográfico deve possuir alguns requisitos:

Estruturar e definir sua edição e apresentação, ou uma versão destes elementos, ainda que sejam posteriormente alterados. Pode ser formado por uma ou mais fotografias, sem limite de números, contanto que seja um recorte de uma produção fotográfica, que exista uma reflexão sobre sua edição e uma coesão entre as imagens. O ensaio fotográfico também deve transmitir uma mensagem que leve a novas reflexões e tem a obrigação de ser denso e de carregar informações, ainda que sensoriais e subjetivas. Não há regras quanto à autoria (podendo ser coletiva ou individual), nem quanto ao tempo de realização. Deve demonstrar a existência de uma intenção no autor, ainda que esta não seja óbvia. Trata-se de um texto imagético, temático, configurado a partir das experiências próprias do autor e de suas pesquisas sobre o assunto. Geralmente o ensaio depende de uma ação proposital do autor, que interage com o objeto do ensaio, não sendo longo nem curto. Pode conter preocupações do autor em ser um documento sobre o tema, tratando-o com objetividade de informações, contudo com ampla liberdade de expressão e interpretação dos conteúdos trabalhados, inclusive respeitando a própria subjetividade.

É importante ressaltar que a montagem, ou seja, a disposição das fotografias no momento de apresentar o ensaio fotográfico é de extrema importância, tornando-se uma fase importante na produção neste tipo de formato. Para Freeman (2011), o motivo que destacava Smith de outros fotógrafos do gênero era de que, além de capturar as imagens, ele compreendia que as fotografias poderiam ser manipuladas e dispostas com o intuito de atingir certo público e transmitir uma mensagem. Este processo de disposição dentro da revista “Life” era feito, exclusivamente, pelos editores, sem nenhuma influência do autor da imagem. Posteriormente, inúmeros fotógrafos independentes criaram projetos nos quais capturavam e montavam as imagens de acordo com seus pensamentos.

Em 1960, o ensaio fotográfico ganhou um estilo alternativo de apresentação. Novamente, a precursora foi a revista “Life”, que publicou um ensaio do fotógrafo, com 20 páginas, ocupadas, praticamente, por imagens. O estilo alternativo propunha não colocar tantas informações sobre as fotos, ou seja, diminuir os textos explicativos. Ao contrário disso, as imagens eram acompanhadas de “palavras imagens”, definidas por Freeman (2011) como legendas curtas ou poesias que referenciavam aquilo que estava exposto.

A “Life” justificou a adoção deste tipo de ensaio pela perda de seus leitores para a televisão. A alternativa para revista foi atrair e, de certa forma, disputar através da imagem, já

que a revista possuía 54x36cm (página dupla) e o televisor típico possuía 20 polegadas (que parece menor visto pelo observador posicionado em uma poltrona), além do preço do televisor colorido que era muito elevado até o final da década de 60.

Figura 4 – Brian Brake (garota indiana nas primeiras chuvas de monção) (1961)



Fonte: National Gallery of Australia. Disponível em: <<https://nga.gov.au/exhibitions/monsoon/default.cfm>>.

Nesse contexto, destaca-se o papel do editor fotográfico, responsável pelo cuidado no momento das escolhas das fotografias e sua diagramação. O uso das fotografias em determinadas páginas tinha como norma a objetividade, para situar o leitor ao tema, já em outras páginas eram dispostas sem tal preocupação, o que estimulava a interpretação do observador.

Este tipo de publicação, cujas imagens prevaleciam, modificaram e influenciaram no modo como as fotografias são vistas nos trabalhos editoriais contemporâneos. São histórias contadas quase que sem palavras, dispostas para que gradativamente o passar de páginas produza o efeito desejado no observador. Freeman (2011) destaca a cautela que fotógrafo e editor precisam ter no momento de utilizar este tipo de formato, visto que, só serve para assuntos autoexplicativos e que possam ser resumidos em um breve texto de abertura, incapaz de abordar temas complexos ou divergentes.

4 METODOLOGIA

Conforme será apresentado neste capítulo, a metodologia do presente Projeto Experimental divide-se em:

- 1) Abordagem;
- 2) Escolha do personagem;
- 3) Escolhas técnicas;
- 4) Diário de campo;
- 5) Tratamento de imagem
- 6) Apresentação das fotografias.

4.1 ABORDAGEM

Para realizar a captura das imagens, determinou-se que a direção fotográfica seria utilizada de forma que não interferisse abruptamente na cena, visto que, a partir de questões pessoais do autor, acredita-se que não interferir na cena ou ação do personagem é fundamental para veracidade dos fatos reproduzidos através da imagem. Sendo assim, a utilização da direção será apenas para alterações de elementos técnicos em cena, como, por exemplo, a iluminação (ver tópico 4.3).

Além da observação do estilo de vida do personagem, determinou-se como auxílio para realizar o projeto, a utilização da pesquisa em profundidade, para que o entrevistado mantivesse sua liberdade de expressão e ao mesmo tempo o entrevistador preserve a essência do trabalho. Segundo Duarte (2005, p. 62), a pesquisa em profundidade é: “(...) um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”.

A pesquisa em profundidade tem como base um questionário semiestruturado aberto, sendo justificado pela necessidade de apoiar a elaboração do projeto fotográfico documental, a partir da possibilidade de obter uma visão aprofundada do entrevistado, auxiliando posteriormente na relevância do que foi fotografado e apresentado no produto final. A preferência pelo questionário semiestruturado dá-se pelo fato da alternativa de modificá-lo ou do acréscimo de novas questões, conforme a necessidade do entrevistador em acrescentar mais informações aos resultados.

Assim, a pesquisa foi estruturada a partir das seguintes questões:

- 1) Em relação à sociedade contemporânea, como você enxerga esta relação do consumo excessivo e a busca utópica da felicidade?
- 2) Quando você conheceu a filosofia minimalista?
- 3) Quais são suas prioridades atuais e o que diferem das suas prioridades do passado?
- 4) Atualmente como você compreende sua forma de consumir?

As questões foram enviadas por *e-mail* para os dois participantes do projeto, e a partir delas, um texto foi desenvolvido. A aplicação das perguntas foi de extrema importância ao desenvolvimento do projeto, pois auxiliou na idealização das, então, futuras fotografias e a forma como deveriam ser dispostas e apresentadas como produto final do trabalho. Algumas partes da entrevista são citadas no decorrer do diário de campo.

4.2 ESCOLHA DOS PERSONAGENS

Certamente, a escolha dos personagens foi o ponto em que mais encontrou-se dificuldade durante a produção. Mesmo no decorrer da pesquisa sobre o tema, já fez-se uma busca por pessoas que praticassem o minimalismo, que estivessem dispostas a participar do projeto e que morassem o mais próximo possível da cidade de Santa Maria – RS, a fim de facilitar a execução do projeto.

Inicialmente, fez-se o contato com duas pessoas, que não vivem em Santa Maria – RS. Ambas vivem em Ecovilas (Comunidades urbanas ou rurais compostas por indivíduos que têm a intenção de integrar uma vida social em harmonia com um estilo de vida sustentável). Foi exposta uma apresentação do projeto experimental com um cronograma provisório que poderia ser modificado conforme as necessidades dos participantes.

Ambos aceitaram participar do projeto, mas ao decorrer de algumas semanas um deles acabou desistindo, pois iria se mudar para o estado de Santa Catarina, o que dificultaria sua participação. O outro indivíduo não entrou mais em contato, compreendeu-se, então, que havia desistido. Posteriormente a estes fatos, foi feita uma nova procura visando pessoas que morassem em Santa Maria.

A busca resultou na descoberta de uma ex-aluna do curso de Produção Editorial, que atualmente ministra aulas de yoga. Foram realizadas conversas *online* através de redes sociais

e uma conversa pessoalmente para conhecer melhor a participante. Após toda a apresentação ela aceitou participar e manteve contato frequente até algumas semanas antes do processo de captura iniciar. Aproximando-se do primeiro dia de captura de imagens ela informou sua desistência.

Devido ao fato posterior, todo cronograma teve de ser alterado para atender o prazo de entrega do trabalho. Começou-se, então, uma nova busca com auxílio de outras pessoas a fim de agilizar o processo e encontrar alguém que praticasse esta filosofia, além de também, aceitar ter seu dia a dia documentado. Como resultado desta busca encontrou-se duas pessoas, do círculo social do autor: Calison Pacheco e Gerson Severo. Calison vem praticando o minimalismo desde abril de 2018 e Gerson está em processo de adoção ao estilo em sua vida.

Recorreu-se, então, a uma visita para uma breve conversa e apresentação do projeto para os possíveis participantes. Logo após as visitas, os indivíduos entraram em contato aceitando e autorizando realizar o projeto para documentar parte de seus cotidianos.

4.2.1. Breve apresentação dos personagens.

- 1) **Calison Pacheco** tem 24 anos, é natural da cidade de Cachoeira do Sul - RS e, atualmente, reside na cidade de Santa Maria - RS. Pacheco é bacharel em História pela Universidade Federal de Santa Maria. Durante o dia, ele trabalha em uma livraria e em alguns dias da semana leciona história em curso pré-vestibular no turno da noite. Pacheco mudou-se, recentemente, para um apartamento próximo de um dos seus locais de trabalho (livraria) e desta vez está tendo a experiência de morar sozinho, já que anteriormente sempre dividia sua moradia com amigos. Para Pacheco, morar sozinho facilitou a adoção e sua adaptação ao estilo de vida minimalista.

- 2) **Gerson Severo** tem 28 anos, é natural da cidade de Uruguaiana – RS e, atualmente reside, na cidade de Santa Maria – RS. Severo é formado em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Santa Maria e trabalha em *home office* fazendo projetos para empresas da cidade e região. A sua forma de consumir mudou quando Severo realizou um intercâmbio voluntário em Moçambique, país na África Oriental, no qual viu inúmeros problemas sociais. Em 2018, suas ideias em relação ao consumo foram reforçadas quando ele teve acesso a livros e documentários que abordavam o minimalismo como um estilo de vida.

4.3 PILOTO

Para determinar quais equipamentos seriam utilizados para a captura das imagens, escolheu-se um dia para realizar um piloto com cada um dos participantes e observar alguns aspectos que seriam futuramente resgatados para o projeto, tais como: objetos da casa, cômodos, iluminação e alguns hábitos. Posteriormente, foram feitas as escolhas técnicas para a realização do projeto.

Figura 5 – Piloto (Nikon D90)



Fonte: Próprio autor (2018).

4.4 ESCOLHAS TÉCNICAS

Neste subcapítulo é descrito as preferências relacionadas aos equipamentos utilizados para a realização das sessões fotográficas com ambos participantes. Durante o piloto foram feitas análises do ambiente para que durante o processo de captura a iluminação ambiente não se tornasse um empecilho. Além disso a escolha da utilização de duas câmeras diferente (DSLR e de um Smartphone) para realizar o projeto foram de extrema importância, pois durante a realização do projeto cada uma demonstrou ser mais eficiente em algumas situações.

4.3.1 Câmera e objetivas

Para realização do projeto foram operadas duas câmeras: *Digital single-lens reflex (DSLR) Nikon D90 e a câmera do smartphone Iphone 6s*. Juntamente com a Nikon D90, foram utilizadas duas objetivas: **AF-S Nikkor 18-105 mm 3.5–5.6G ED**, escolhida para trabalhar em ambiente interno devido a sua distância focal ser menor e possuir um campo de visão maior; e a segunda objetiva escolhida foi a **AF-S Nikkor 50mm 1.8 D**. Esta objetiva possibilita fotografar em ambientes com pouca iluminação devido a sua grande abertura de diafragma.

Mesmo que a câmera Nikon D90 tenha qualidade superior, em alguns momentos a câmera do *smartphone* funcionou melhor diante dos objetivos. Portanto, experimentou-se utilizar as duas estéticas no trabalho, a da câmera DSLR e a da câmera do *smartphone*. Além disso, os participantes do projeto demonstraram mais desinibição quando fotografados com a câmera do *smartphone*.

Para Carroll (2017), a popularização do *smartphone* fez com que as pessoas deem menos importância quando comparada a um fotógrafo com uma câmera profissional em mãos. Para o autor, além da qualidade da câmera, é preciso levar em conta o impacto psicológico. Em uma câmera DSLR, como a Nikon D90, o rosto do fotógrafo é ocultado, o que segundo Carroll (2017) pode fazer com que pareça que esteja “caçando” as pessoas ocasionando certo desconforto.

Nesse sentido, a câmera do *smartphone* foi muito útil em vários momentos de captura no projeto. Além disso, havia uma preocupação a respeito da qualidade de imagens produzidas pelo *smartphone*, se estas iriam ser muito inferiores à Nikon D90. Em muitas situações, o *smartphone* teve resultados melhores em relação à qualidade de imagem. Por todos estes fatores, optou-se por utilizar as fotografias geradas por ambas as câmeras neste presente trabalho, compreendendo que não iria afetar na apresentação final das imagens.

4.3.2 Iluminação

A ideia principal em relação à iluminação foi trabalhar apenas com a luz natural, ou seja, a luz própria do ambiente, juntamente com a composição das cenas, a fim de refletir não apenas o que está acontecendo, mas, de alguma forma, transmitir a personalidade ou estado de espírito da pessoa. “A luz natural tem uma presença na imagem que é tão tangível quanto uma pessoa” (CARROL, 2017, p. 108).

Porém, o apartamento de um dos participantes, Calison Pacheco, possui cômodos que são escassos de luz natural, portanto, como suporte para a captura das imagens foi utilizado um **flash Nikon SpeedLight SB-600**. O uso do *flash* só foi utilizado em casos de extrema importância a fim de não perder algum registro fotográfico ou comprometer a qualidade de imagem devido à baixa luminosidade. Em outras situações, utilizou-se a técnica de longa exposição como na foto abaixo (figura 6):

Figura 6 – Calison, longa exposição.



Fonte: Próprio autor, (2018).

4.4 DIÁRIO DE CAMPO

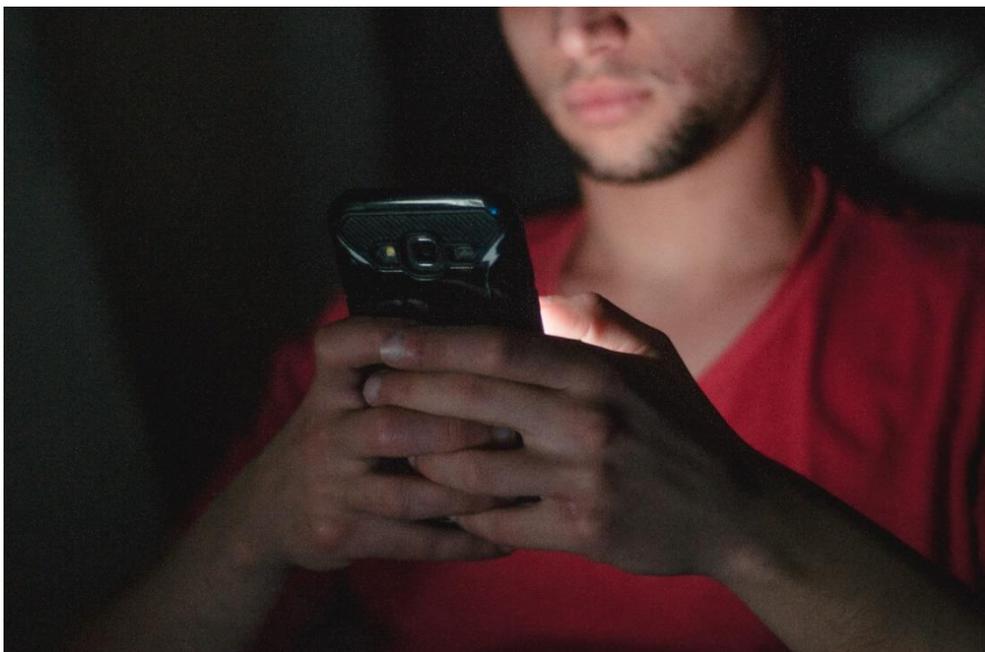
O processo de captura partiu da premissa de documentar o dia a dia do personagem, baseado nas atividades e nos períodos do seu cotidiano como: atividades matutinas, trabalho, lazer, alimentação, etc. Foi estimado o prazo de até cinco dias para cada um dos participantes, organizados, conforme a disposição de horários para realização do trabalho. As fotografias foram feitas em turnos diferentes com a finalidade de representar suas diferentes atividades durante a manhã, tarde e noite e conseqüentemente torná-lo íntegro. Este método também teve como propósito apresentar, ao final do projeto, algumas diferenças entre os dois participantes.

Dia 01 - Calison, turno noite, dia 28/09/2018

O primeiro dia ocorreu no turno da noite, logo após, Calison voltar do seu trabalho, em torno das 19 horas. Nesta sessão, apresentaram-se algumas das atividades cotidianas: preparação da janta, organização da cozinha e seu tempo de lazer. Um fato importante deste primeiro dia foi documentar a ausência de mesa de jantar ou sofá em sua sala de estar. Quando questionado sobre a ausência dos móveis ele explicou que, sentar em um tapete com almofadas dá uma sensação de liberdade e ao mesmo tempo aproximação das pessoas que o visitam. Sua família até insistiu em presentear-lo com um sofá, mas ele recusou e manteve seu ideal.

Além disso, foi capturada a presença de muitos livros em um de seus armários, o que posteriormente foi encontrado em outro cômodo, o que diverge com a teoria do minimalismo. Ele esclareceu que livros são os únicos itens que ele ainda possui dificuldade em se desfazer, defendendo a experiência que eles lhe proporcionam, diferente de um livro digital. Outro ponto relevante que se observou, foi o tempo em que ele passa com o seu smartphone em mãos, demonstrando certa dependência do mesmo.

Figura 7 – Calison e smartphone (Nikon D90)



Fonte: Próprio autor, (2018).

Dia 2 - Calison, turno manhã, dia 06/10/2018

No segundo dia, foram registradas algumas atividades que fazem parte de sua rotina no turno da manhã, como por exemplo: lazer, cuidados estéticos, organização de alguns ambientes da residência e a preparação de seu almoço. Em alguns momentos, procurou-se capturar cenas nas quais fosse possível observar o minimalismo de forma objetiva como o número reduzido de objetos por cômodos. Em outros momentos, a captura baseou-se na interpretação do autor em relação ao tema, como, por exemplo, o fato de Calison, todos os dias pela manhã, raspar a cabeça com uma navalha. Em conversa com o participante sobre tal fato, ele descreveu que este processo de raspar a cabeça faz parte de seu cotidiano e de certa forma transmite a sua simplicidade e seu desapego com a estética.

Figura 8 – Raspar a cabeça (Nikon D90 + 18-135 mm)



Fonte: Próprio autor, (2018).

Dia 3 - Calison, turno manhã, dia 18/10/2018

Nesse dia, foi capturado o local onde o participante dorme e algumas atividades que o mesmo fez: pagamento de contas, preparo do almoço, compras em uma feira de produtos coloniais e prática de atividade física. Nesta sessão de captura, utilizou-se mais a câmera do

smartphone, possibilitando a captura de fotografias mais espontâneas, ou seja, quando o participante não percebia que estava sendo fotografado.

Calison conversou sobre suas escolhas e o porquê de dar preferência para as experiências ao invés de investir em produtos:

“Uma vez eu fui para o Uruguai em um evento acadêmico. San José del Mayo é uma cidade muito pequena, a duas horas de Montevideú. Na busca de encontrar um lugar para comer, encontramos a força do capitalismo em forma de Subway. No centro da cidade, era então o lugar mais fácil de se alimentar. Mas não queria ir em um lugar que possui no mundo todo, inclusive na minha cidade. Perguntamos para um nativo onde havia um lugar onde as pessoas comem e que fosse barato. Acabamos encontrando um restaurante de nome “Amarillo”. Era grande, com a temática dos “gaúchos” uruguaios. Ver as pessoas que trabalham no dia-a-dia para manter a cidade e o cosmos daquele lugar foi fantástico. Essas experiências são o que se leva durante a vida”. (PACHECO, 2018).

Figura 9 – Sorriso (Iphone 6s)



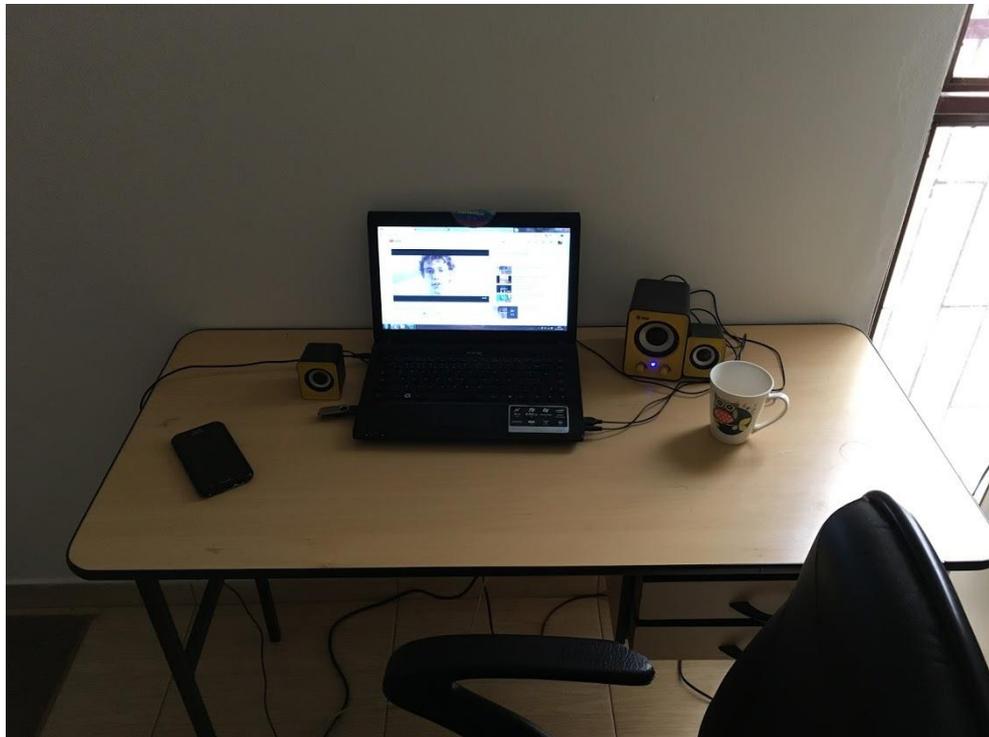
Fonte: Próprio autor, (2018).

Dia 4 - Calison, turno manhã, dia 25/10/2018

Esta sessão de fotografias teve como objetivo capturar apenas os ambientes da residência a partir de uma perspectiva pessoal do autor em relação ao minimalismo. Nesse dia, foram utilizadas as duas câmeras para realizar as imagens. Devido a compromissos pessoais do participante a sessão durou apenas 40 minutos, mas foi o suficiente para registrar o necessário para o trabalho. O registrou contemplou o quarto, a sala de estar, a cozinha e todos os objetos que estão distribuídos nestes ambientes.

“Meus móveis são poucos e não necessito de mais nada. Dois exemplos que posso dar é minha cama e a minha sala. Tenho uma cama feita de palets de madeira. Na verdade, são apenas palets de madeira colocados ao chão. Não tenho necessidade de possuir uma cama “padrão”. A que eu tenho me satisfaz. Na sala, optei por não ter um sofá. Apenas um tapete bem macio e almofadas para que as pessoas possam ficar de frente uma para as outras quando falam, pois, assim, há uma interação maior e não um afastamento de espaço”. (PACHECO, 2018).

Figura 10 – Somente o necessário (Iphone 6s)



Fonte: Próprio autor, (2018).

Dia 01 - Gerson, turno tarde, 11/10/2018

Gerson Severo é o participante que está em processo de adoção ao minimalismo. No primeiro dia, ele informou que está adotando, também, a dieta vegetariana. Nesta sessão, pode-se registrar o participante efetuando compras em um supermercado e seu processo de escolha por alimentos para sua nova dieta. Também foi registrado o participante tocando violão.

Foi utilizado o *smartphone* no momento das compras e câmera DSLR para fazer as capturas dentro do apartamento. A residência desse participante possui uma iluminação melhor que a do participante Calison, facilitando a captura em algumas situações.

Figura 11 – Escolhas (Iphone 6s)



Fonte: O autor, (2018).

Dia 02 - Gerson, turno tarde, dia 18/10/2018

No segundo dia, Gerson estava separando roupas para doação, organizando e reduzindo o que ele não utilizava mais. Nessa sessão, foi utilizada apenas a câmera Nikon

D90, aproveitando a iluminação vinda das janelas do apartamento. Buscou-se capturar cenas em que demonstrassem a tentativa do participante da redução de bens inutilizáveis por ele. Em resposta ao questionário, Gerson afirmou que o vestuário foi uma das coisas que mudou bastante durante o processo de adoção ao minimalismo.

“Estou passando por um processo bem importante na minha vida e sinto a necessidade de me desapegar de muitos bens materiais e manter apenas o necessário para mim. Hoje eu procuro vestir roupas sem muitas estampas, que possam combinar com vários estilos e épocas do ano. Também priorizo a qualidade e não a quantidade no momento de escolher alguma roupa nova hoje em dia.” (SEVERO, 2018).

Figura 12 – Redução (Nikon D90)



Fonte: O autor, (2018).

Dia 3 - Gerson, turno noite, dia 19/10/2018

No dia 3, o objetivo foi fotografar o momento em que Gerson pratica meditação e junto à ação capturar o ambiente ao redor. Nessa sessão, utilizou-se apenas a Nikon D90 e a iluminação ambiente. Em alguns cômodos, ainda existem muitos móveis, percebendo que a maioria deles está sem nenhuma utilidade, apenas ocupando espaço. Compreende-se que como o participante está em processo de adoção desse estilo de vida, a presença de alguns objetos sem utilidade na residência é justificável.

Dopierala (2017) aponta que o minimalismo pode ser um complemento às práticas como yoga e o vegetarianismo. Portanto, justifica-se a partir deste argumento a escolha de registrar ações do participante. Gerson demonstra que o minimalismo não abrange apenas a redução de bens materiais, mas também a práticas que estão ligadas à preocupação com a saúde mental e física. “A felicidade não pode ser encontrada em bens materiais e muito menos pode ser adquirida. A felicidade transcorre da troca, da doação, daquilo que você deixa no mundo, não é algo físico e sim etéreo.” (SEVERO, 2018).

Figura 13 – Esvaziando o ambiente, equilibrando a mente (Nikon D90)



Fonte: O autor, (2018).

Dia 04 - Gerson, turno manhã, dia 20/10/2018

Figura 14 - Almoço



Fonte: O autor, (2018).

No quarto e último dia, o objetivo foi registrar atividades matutinas, desde lavar o rosto até o preparo do almoço, sempre priorizando capturar elementos que demonstrassem o estilo de vida do participante. Nessa sessão, foram utilizadas as duas câmeras explorando ao máximo todos ambientes e situações.

“De certa forma o minimalismo já era presente em minha vida por que eu sempre fui desapegado aos bens materiais, sempre valorizei mais os momentos, as relações, a troca, as pessoas. Nunca me apegava a roupas, sempre me questionava muito antes e consumir algo. Hoje em dia eu reflito muito sobre o que realmente é importante na minha vida. Eu estou muito mais consciente e questionador sobre o ato de consumir. Me pergunto várias vezes se eu preciso realmente “daquilo”, se está me fazendo falta ou não. Geralmente não está, então sigo em frente.” (SEVERO, 2018).

4.5 TRATAMENTO DE IMAGEM

Antes de descrever o processo de tratamento de imagem utilizado no projeto, é preciso destacar o conceito de tratamento de imagem e a diferença em relação à manipulação de imagem. Segundo Almeida e Boni (2006), tratamento de imagem é fazer um melhoramento do que ela já é, enquanto, a manipulação trata-se de retirar ou colocar elementos alterando a informação original da imagem. Tratar uma fotografia é utilizar a tecnologia (*software*) para ressaltar pontos de luz, saturação das cores, melhorar contraste e brilho, dependendo do que o fotógrafo pretende transmitir.

Diz-se que a imagem foi tratada quando ela se diferencia da original apenas no que diz respeito à cor, brilho, contraste, saturação, exposição, etc. Normalmente, as imagens passam por tratamento na intenção de melhorar a qualidade final e não para alterar o seu sentido (ALMEIDA E BONI, 2006, p. 18).

A manipulação de imagem, por sua vez, tem elementos alterados na fotografia, que podem ser acrescentados ou excluídos a fim de modificar a realidade, transformando a realidade em ficção segundo os autores. Souza (2008) destaca que em trabalhos fotográficos nos quais a veracidade dos fatos é importante para o observador, como no caso do fotodocumentarismo, a manipulação é repudiada, em muitos casos associada à falta de ética do fotógrafo.

Nesse projeto, utilizou-se apenas o tratamento de imagem, especialmente, nas fotografias feitas pela Nikon D90 e em algumas captadas pelo *smartphone*. Devido ao fato da Nikon D90 gerar imagens no formato de arquivo tipo RAW (arquivos que não sofrem compressão pelo *software* da câmera, obtendo, assim, mais informações de luz e cores)

possibilitou realizar ajustes onde a iluminação estava prejudicada. Também ocorreram ajustes de cores e tonalidades conforme o que gostaria de ser transmitido com a imagem.

Compreende-se que utilizar da manipulação da imagem nesse trabalho não faria sentido algum, visto que, o intuito principal das fotografias era retratar atividades cotidianas dos personagens em que de alguma forma demonstrassem o minimalismo. Sendo assim, o tratamento de imagem foi utilizado, apenas, para realçar ou corrigir pontos que se entendeu serem necessários. O programa utilizado para realizar o tratamento em todas as fotografias foi o *software* de edição “Adobe Lightroom”.

4.6 APRESENTAÇÃO DAS IMAGENS

O produto final deste trabalho é o conjunto de 55 fotografias, formando um ensaio fotográfico e para apresentá-lo foi escolhido criar um protótipo de fotolivro digital a fim de alocar todas as imagens. Por compreender-se que seria a melhor maneira de organizar e expor o produto final do presente projeto.

O fotolivro possui formato 20x25 e divide-se em 53 páginas divididas em duas sessões. Cada início de sessão contém um texto elaborado por cada um dos participantes, que são a abertura para cada ensaio. Na primeira, é apresentado o ensaio fotográfico realizado com o participante Calison Pacheco, e na segunda sessão, o ensaio fotográfico realizado com o participante Gerson Severo. Em algumas páginas, utilizaram-se trechos dos textos produzidos pelos participantes.

Para capa foi idealizada uma textura de papel ao fundo, contendo apenas o nome do projeto em fonte *Eurotrotya*, mesma fonte utilizada nos títulos das sessões. A capa é seguida de uma contracapa contendo o título do trabalho (*Eurotrotya*) e o subtítulo em *Roboto Light*, mesma fonte utilizada em todos os textos presentes no interior do produto. Para realizar a diagramação do produto foi utilizado o *software Adobe Lightroom*, que disponibiliza uma ferramenta para elaboração de fotolivros, além das ferramentas de edição de imagem.

As imagens foram dispostas com a finalidade de representar uma sequência de ações, ou seja, o participante dormindo, fazendo atividades na cozinha, etc. Não foi determinado um número exato de imagens por página, apenas foram dispostas a fim de que a compreensão do ensaio ficasse clara. O arquivo final do fotolivro digital foi exportado em formato PDF.

Figura 15 – Mockup do fotolivro



Fonte: Próprio autor, (2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do objetivo inicial desse projeto, compreender e retratar o estilo de vida minimalista contatou-se aspectos que corroboraram para uma nova perspectiva em relação ao minimalismo e à fotografia documental, a partir da produção do trabalho na prática, ou seja, na captura das imagens. Estes aspectos não divergem dos que existiam quando era feita a pesquisa base para a produção do ensaio fotográfico, mas os complementam.

Durante a revisão literária e a pesquisa, seja em livros, artigos, *sites* e vídeos, em muitos momentos observou-se que nas imagens referentes ao minimalismo, tanto os indivíduos como suas moradias, denotavam ambientes claros, quase que vazios, contendo o mínimo de bens materiais. Nesse trabalho, foi possível observar isso no participante Calison Pacheco.

Pacheco optou por morar em um apartamento pequeno com poucos móveis e apenas com as coisas que realmente utiliza. Mantém hábitos que se encaixam com a filosofia: reduziu o consumo, desapegou-se de bens materiais, como algumas de suas roupas, e começou a fazer compras em feiras de alimentos. Entretanto, em outros aspectos ele demonstrou ser bastante dependente de bens materiais, como, por exemplo, de seus livros e seu *smartphone*. Mesmo que os livros sejam as únicas coisas em excesso no seu apartamento, o número de exemplares foge dos conceitos minimalistas, e quando questionado sobre o participante justificou a ligação com sua formação (professor de história) e sua preferência por livros físicos.

Contudo, o que mais chamou atenção foi em relação ao uso do *smartphone*. Em todos os dias em que eram feitos os registros fotográficos, o participante ficava boa parte do tempo mexendo no aparelho. Quando questionado sobre, o participante demonstrava-se incomodado e aflito. Contatou-se, portanto, sua dependência em relação ao *smartphone*, o que também foge das premissas minimalistas.

Vale salientar, também, alguns fatos que surgiram durante a produção, como a relação que o participante fez ao compreender que o minimalismo está relacionado até a sua estética e ao fato de optar por não possuir um sofá em sua residência. Em relação à estética, Pacheco aderiu a raspar sua cabeça como uma forma de sentir-se livre. Em relação à inexistência de um sofá, justificou pela aproximação que, ao apenas sentar em um tapete com almofadas acaba proporcionando aproximação e maior integração entre as pessoas.

Gerson Severo, por sua vez, demonstrou um forte desapego a todo tipo de bem material, mesmo que possua um número maior de móveis em seu apartamento que Calison.

Constatou-se que Gerson não compreende o minimalismo apenas relacionando os bens materiais e o controle do consumo, mas compreende que é preciso a substituição destes hábitos. Severo prioriza algumas atividades em seu dia a dia que substituem o consumo de bens materiais como: tocar violão, ler um livro, meditar. Demonstrando certa subjetividade em suas atividades, o que implicaram na escolha da maior parte das fotos do seu ensaio fotográfico.

A existência de mais objetos na residência de Gerson, justifica-se talvez, por estar em um processo de adoção ao estilo de vida minimalista e também por estar morando sozinho há pouco tempo (muitos objetos na casa não são dele, mas dos antigos habitantes). É importante frisar que em todas as sessões Severo foi zeloso e, em poucas vezes, demonstrou grande apego a eletrônicos como o participante Pacheco.

A partir do convívio com o participante Severo foi possível entender o minimalismo como um fenômeno efêmero, multidimensional e inconsciente no qual a autora Dopierala (2017) discorre em sua obra e, porque ele é considerado uma vertente da simplicidade voluntária. Gerson demonstrava muitos valores, além de consumir consciente, como a preocupação com sua dieta (vegetariano), com sua saúde (meditação) e a importância que dava para o entretenimento (tocar violão, ler um livro, assistir um filme, etc.). Foi a partir destas observações que se determinou registrar e retratar estas particularidades do participante em seu ensaio.

Enquanto que no ensaio do participante Calison Pacheco, foi definido retratar majoritariamente ações que demonstrassem como ele possuía poucos bens materiais, em contraponto, no ensaio de Gerson Severo experimentou-se retratar o lado mais subjetivo da sua compreensão de minimalismo, singularidades que não haviam sido cogitadas e que foram explicadas de formas coerentes pelo participante, como, por exemplo, o seu fascínio por dedicar alguma parte do seu dia para tocar violão e cantar.

“A música sempre teve um papel importante em minha vida. Minha mãe foi cantora durante um bom tempo, hoje é radialista e com isso passei minha infância dentro de uma rádio. Hoje tenho por hobby tocar violão e de certa forma esse momento me remete muito ao modo de pensar minimalista, pois quando estou tocando violão, de certa forma estou alimentando minha alma sem precisar consumir nada, a música flui pela criação, pelo devaneio, pelo momento e melodia, e isso são coisas que não se compram. O hábito de ler também esteve bem presente em minha vida até hoje. Tenho por costume ler livros ou online ou por empréstimo de amigos, porém caso eu compre um livro, ao término do mesmo acabo doando para alguém que queira tê-lo. Digamos que sou um leitor assíduo, mas com uma estante vazia. Outro hobby meu é assistir filmes e o que mais faz eu gostar tanto desse hobby é que filmes são experiências, momentos, duram suas quase 2 horas, porém o sentimento, o impacto, dependendo do filme, continua por anos. Procuo consumir experiências, e tanto a

música, como leitura e filmes fazem parte disso e para mim estão diretamente ligados ao conceito que entendo por minimalismo.” (SEVERO, 2018).

Devido aos inúmeros conflitos encontrados durante a escolha do personagem para participar do projeto, o processo de captura teve um tempo inferior ao que era pretendido. Constatou-se que um projeto desta proporção deve abranger um maior número de sessões, acreditando que o trabalho conseguiria, então, abordar outras situações, já que ambos participantes e o próprio autor mantinham horários limitados para as capturas.

O processo de captura trouxe bastante experiência pessoal por se tratar de um primeiro contato com este gênero fotográfico. Na fotografia documental, a interpretação do que está acontecendo e o que deve ser mostrado ao observador acontece muito rápido. Em muitos momentos, confundiu-se sobre o que seria relevante expor ou não, já que os personagens fazem parte do convívio social do autor, e muitas coisas já são entendidas como “normais”. Talvez esta tenha sido a grande dificuldade encontrada por retratarem pessoas conhecidas. Foi preciso fazer um esforço para fotografar como se fosse a primeira vez que se tivesse contato com a vida dos participantes. A experiência de fotografar pessoas desconhecidas fica para um próximo projeto e isso não desqualifica a veracidade e objetivo que foi colocado neste trabalho.

A utilização do *smartphone* com maior frequência também demonstrou ser uma experiência positiva, visto que em muitos momentos os personagens pareciam mais à vontade em comparação à presença de uma câmera, e a partir disso foi possível captar momentos mais fidedignos. Outro fator que deve ser ressaltado em relação a técnica foi a iluminação. Em ambos os ensaios procurou-se usar o mínimo de luz artificial, pois o objetivo era expor a cena de forma natural, ou seja, como o autor a enxergava no momento da captura. No final do projeto, pode-se concluir que esta escolha foi proveitosa, como o exemplo dos registros de Gerson no final da tarde tocando violão, expondo uma luz que complementava toda a carga emocional que o participante demonstrava no momento do registro.

Em relação à iluminação utilizada no ensaio de Calison, pode-se concluir que ela funcionou ressaltando os contrastes da foto. Optou-se por enfatizar sombras e altas luzes, trazendo, de certa forma, certa dramaticidade às fotos. Conclui-se, então, que talvez essa escolha deixou o ensaio um pouco mais dramático do que se pretendia.

Por fim, a produção desse projeto serviu como enorme aprendizado. A partir desse trabalho, pode-se experimentar um gênero fotográfico admirado pelo autor e ao mesmo tempo totalmente novo, e que, em certas situações, trouxe insegurança em relação aos percalços que

surgiam. O tema do projeto teve enorme impacto sobre a vida pessoal do mesmo e o convívio com os participantes durante as sessões também abriu janelas de reflexões a respeito das coisas que são importantes em nossas vidas. Conclui-se que o minimalismo mesmo que tenha premissas que definem sua essência, demonstrou-se ser, em muitas situações, efêmero, com interpretações distintas, mas que de certa forma apontavam para a mesma finalidade – sentir-se livre.

Embora, o cronograma de captura tenha se reduzido, as fotografias conseguiram manter o objetivo inicial do projeto, mas ao longo do processo foi constatado que essa subjetividade nas substituições do hiperconsumo teria de ser expostas. O ensaio fotográfico permitiu exteriorizar essas condições a partir de uma perspectiva pessoal do autor, ou seja, como foi compreendido o estilo de vida durante a pesquisa e no momento de convívio com os personagens.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cláudia Maria Teixeira; BONI, Paulo César. **A ética no fotojornalismo da era digital. Artigo.** Discursos fotográficos, Londrina, v.2, n.2, p.11-42, 2006. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/viewFile/1477/1223>>. Acesso em: 25, nov. 2018.

ANG, Tom. **O fotógrafo completo.** São Paulo: Europa, 2010.

BARBOSA, Lívia. **Consumo:** Por que a gente é assim? Youtube, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IYhIGdl5Cvk&t=1859s>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

BARBOSA, Lívia; PORTILHO, Fátima; VELOSO; Letícia. **Consumo:** Cosmologias e Sociabilidades. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica; EDUR, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo:** A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2007.

_____. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2010.

_____. **Sociedade de Consumo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BURKE, Peter. Modernidade, cultura e estilos de vida. In: BUENO, Maria Lucia;

CAMARGO, Octávio de Lima. **Cultura e consumo:** Estilos de vida na contemporaneidade. São Paulo, SP: Senac São Paulo, 2008.

CAMPBELL, Colin. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno.** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos:** conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

CARROL, Henry. **Leia isto se quer tirar fotos incríveis de gente.** Barcelona: Editora Gustavo Gill, 2017

COELHO, Cláudio Novaes. **Publicidade: é possível escapar?**. São Paulo: Paulus, 2003.

DOPIERALA, Renata. Minimalismo - um novo modo de consumo?. **Miscellanea Anthropologica et Sociologica**, v. 16, n. 2, p. 11-27, 2015. Universidade de Lodz. Biblioteca Online da Europa Central e Ocidental. Disponível em: <<https://maes-online.com/api/files/view/151175.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 2006.

DUBOIS, Phelippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Papyrus, 2012.

DUPONT, Stephen. (Cast). “Vida e morte. Parte 01.”. In: **Tales by light**. Austrália: Netflix, Streaming, segunda temporada, episódio 09. 2016.

EASTWAY, PETER. (Director Geral). “Panorama”. In: **Tales by light**. Austrália: Netflix, Streaming, primeira temporada, episódio. 05, 2015.

FIUZA, Beatriz Cunha; PARENTE, Cristina. **O conceito de ensaio fotográfico**. Artigo. Discursos fotográficos, Londrina, v.4, n.4, p.161-176, 2008. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/download/1511/1257> >. Acesso em: 27, out. 2018.

FREEMAN, Michael. **A visão do fotógrafo**. Porto alegre: Bookman, 2013.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOMBARDI, Kátia H. **Documentário Imaginário: Novas potencialidades na fotografia documental contemporânea**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

MCCRACKEN, Grant. **Cultura & Consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

MELLO, Jorge. **Simplicidade voluntária**. Youtube, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IieVAMs3dMk>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

MILLBURN, Joshua Fields; NICODEMUS, Ryan. O que é minimalismo? **Blog The minimalists**. S/D. Disponível em: <<https://www.theminimalists.com/>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

MOCARZEL, Marcelo; ROJAS, Angelita. Da cultura visual à cultura material: o minimalismo como forma de expressão na sociedade de consumo. **Revista ALCEU**, PUC-RJ 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/marco/Downloads/Daculturavisualculturamaterial.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

MODELLI, Laís. 'O prazer do desapego': minimalistas defendem que ter menos coisas cria mais liberdade. **BBC**. News Brasil. 09 set. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-41077549>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

MOTA, Pedro Lula; VELLOSO, Renata K. O minimalismo prejudica a economia? **Blog Terraço Econômico**. 27 abr. 2017. Disponível em: <<http://terraoeconomico.com.br/o-minimalismo-prejudica-economia-2>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

NOBRE, Itamar de Moraes; SILVA, Ana Carmen do Nascimento. **O fotodocumentarismo de Sebastião Salgado: Uma abordagem analítica sobre a obra O berço da Desigualdade**. In: II Colóquio Semiótico das Mídias, set. 2013. Japaratinga, AL. *Anais do II Colóquio Semiótico das Mídias*. Disponível em: <http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm2/CSM2_AnaCarmemItamarNobre.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2018.

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PORTILHO, Fátima. **Sustentabilidade ambiental, consumo e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2010.

REGINATO, Gisele Dotto. **Em busca da complexa simplicidade: O consumo no discurso da jornalístico da revista vida simples**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em comunicação, linha de pesquisa Mídia e Identidades Contemporâneas. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2011.

SIQUEIRA, Maria Luisa A. **O Minimalismo nas produções Escultórica e Arquitetónica**. Tese (Doutorado em Belas Artes). Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes. Lisboa,

Portugal. 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/8680>>. Acesso em: 23 jun. 2018

SPC BRASIL. Consumo e Endividamento. Estudo do Padrão de Comportamento de Adimplentes e Inadimplentes. **SPC BRASIL**. 2014. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/uploads/st_imprensa/spc_brasil_analise_perfil_adimplente_inadimplente_corte_21.pdf>. Acesso em 25, jun. 2018

SOUZA, Jorge Pedro. **Fotjournalismo: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Artigo. Biblioteca Online de ciências da comunicação. Portugal. 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotjournalismo.pdf>>. Acesso em 22, nov. 2018

TELECOMUNICATIONS INTERNACIONAL UNION. Global E-waste Monitor 2017. **ITUPP Dubai 2018**. 29 Oct. – 16 Nov. Disponível em: <<https://www.itu.int/en/ITU-D/Climate-Change/Documents/GEM%202017/GlobalEwaste%20Monitor%202017%20.pdf>>. Acesso em: 22, jun. 2018.

ZERWES, Erika Cazzonato. **Tempo de guerra: Cultura visual e cultura política nas fotografias de guerra dos fundadores da revista Magnum, 1936 – 1947**. Tese (Doutorado em filosofia). Universidade Federal de Campinas. Campinas, SP. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Marcos%20Marin/Downloads/Zerwes_ErikaCazzonato_D%20.pdf>. Acesso em: 18 de out. 2018.